

## A TEOLOGIA LITÚRGICA DA ORAÇÃO EUCARÍSTICA II: Contributo para o Estudo do Ordinário da Missa

### *THE LITURGICAL THEOLOGY OF EUCHARISTIC PRAYER II: Contribution to the Study of the Ordinary of the Mass*

**Getson Pereira da Silva**

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma  
<https://orcid.org/0009-0007-4981-9067>

Recebido: 25 de fevereiro, 2026 / Aceito: 8 de abril, 2026  
10.64205/brasiliensis.15.28.2026.236

Publicado sob licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)



**Resumo:** A Oração Eucarística constitui o momento central e ápice da celebração eucarística, e a Oração Eucarística II destaca-se por combinar brevidade, clareza expressiva e profundidade teológica. Este estudo apresenta um comentário teológico-litúrgico sobre essa oração, analisando suas fontes, sua estrutura e seu significado para a vida litúrgica da Igreja. A investigação tem como ponto de partida a *Traditio Apostolica*, documento litúrgico do século III atribuído a Hipólito de Roma, cuja reconstrução em latim, realizada por Bernard Botte, serviu de base para formulação da Oração Eucarística II presente no *Missal Romano*. O método empregado é o da teologia litúrgica. A análise comparativa entre o texto primitivo, a versão latina do *Missale Romanum* e a tradução do *Missal Romano* brasileiro (2023) evidenciou elementos preservados, adaptações linguísticas e a estrutura das principais seções: diálogo introdutório, prefácio, *Sanctus*, *post-Sanctus*, epiclesse de consagração, narrativa da instituição e consagração, anamnese, intercessões, doxologia conclusiva e aclamações do povo. Os resultados mostram que, apesar de concisa, a Oração Eucarística II sintetiza os principais eventos e promessas da história da salvação, tornando presente, na liturgia, a obra redentora de Cristo. Ao atualizar o mistério pascal, ela orienta os fiéis para uma perspectiva escatológica e reforça a vida cristã como caminho rumo à vida eterna em Deus. Conclui-se que a oração equilibra fidelidade à tradição e adaptação pastoral, manifestando riqueza teológica e litúrgica, fortalecendo a comunhão dos fiéis e promovendo uma participação consciente e frutuosa na celebração eucarística.

**Palavras-chave:** Oração Eucarística II. Eucologia. Mistério Pascal. História da salvação. Teologia litúrgica.

**Abstract:** The Eucharistic Prayer constitutes the central moment and apex of the Eucharistic celebration, and Eucharistic Prayer II stands out for combining brevity, expressive clarity, and theological depth. This study presents a theological-liturgical commentary on this prayer, analyzing its sources, its structure, and its meaning for the liturgical life of the Church. The investigation has as its starting point the *Traditio Apostolica*, a third-century liturgical

document attributed to Hippolytus of Rome, whose reconstruction in Latin, carried out by Bernard Botte, served as a basis for the formulation of Eucharistic Prayer II present in the *Roman Missal*. The method employed is that of liturgical theology. The comparative analysis between the primitive text, the Latin version of the *Roman Missal*, and the translation of the Brazilian *Roman Missal* (2023) evidenced preserved elements, linguistic adaptations, and the structure of the main sections: introductory dialogue, preface, *Sanctus, post-Sanctus*, epiclesis of consecration, narrative of the institution and consecration, anamnesis, intercessions, concluding doxology, and acclamations of the people. The results show that, despite being concise, Eucharistic Prayer II synthesizes the main events and promises of salvation history, making present, in the liturgy, the redemptive work of Christ. By updating the paschal mystery, it orients the faithful toward an eschatological perspective and reinforces the Christian life as a path toward eternal life in God. It is concluded that the prayer balances fidelity to tradition and pastoral adaptation, manifesting theological and liturgical richness, strengthening the communion of the faithful, and promoting conscious and fruitful participation in the Eucharistic celebration.

**Keywords:** Eucharistic Prayer II. Eucology. Paschal Mystery. Salvation history. Liturgical theology.

## Introdução

A Oração Eucarística constitui o elemento central da celebração eucarística. Dentre as orações presentes no *Missal Romano* hodierno, destaca-se a Oração Eucarística II, que harmoniza brevidade, simplicidade de expressão e profundidade teológica. Assim, este artigo propõe um comentário teológico-litúrgico dessa oração, examinando suas fontes históricas, estrutura e seu significado para a vida litúrgica da Igreja hoje.

A investigação parte da sua fonte primigênia, a *Traditio Apostólica*, documento litúrgico do século III atribuído a Hipólito de Roma, cujo texto em latim foi reconstruído pelo beneditino Bernard Botte<sup>1</sup>. Essa reconstrução, assim como outros estudos<sup>2</sup>, possibilitou o uso dessa anáfora como base para a redação da atual Oração Eucarística II.

Após apresentar ao leitor o texto que serviu de base para a Oração Eucarística II – juntamente com o texto integral em latim e sua tradução para o português –, o estudo prossegue com a apresentação do texto integral em latim, conforme a terceira edição típica emendada do *Missale Romanum* (2008), e sua tradução mais recente para o português brasileiro, de acordo

---

<sup>1</sup> Cf. Hippolyte de Rome, *La Tradition apostolique: d'après les anciennes versions*, introduction, traduction et notes par Bernard Botte, O.S.B., 2e éd. rev. (Paris: Les Éditions du Cerf, 1984), *Sources Chrétiennes* 11bis.

<sup>2</sup> Cf. Vincenzo Raffa, *Liturgia eucaristica: Mistagogia della Messa, dalla storia e dalla teologia alla pastorale pratica, nuova ed. ampiamente riveduta e aggiornata secondo l'editio typica tertia del Messale Romano* (Roma: C.L.V. – Edizioni Liturgiche, 2003), 72-78, 607-620.

com a edição do *Missal Romano* (2023), permitindo uma primeira observação dos elementos que permanecem idênticos na tradução, bem como as adaptações linguísticas destinadas a favorecer a compreensão da assembleia.

Na sequência, desenvolve-se o comentário teológico-litúrgico das diversas seções da oração, examinando cada elemento: o diálogo introdutório, o prefácio, o *Sanctus*, o *post-Sanctus*, a epiclese de consagração, a narrativa da instituição e consagração, a anamnese pascal e oferta do sacrifício, as intercessões pela Igreja, pelos fiéis defuntos e pelos participantes, a doxologia conclusiva, a aclamação do povo e outras aclamações aprovadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

O presente trabalho, de caráter sintético, tem como objetivo principal iluminar o sentido da Oração Eucarística II, ou seja, evidenciar seus aspectos teológicos e litúrgicos que, por vezes, não são imediatamente perceptíveis. Busca-se demonstrar como, mesmo em sua brevidade, a Oração Eucarística II manifesta uma profunda densidade teológica – isto é, uma notável profundidade de conteúdo acerca de Deus, da fé e da salvação – e uma riqueza litúrgica, entendida como a variedade de elementos que estruturam e enriquecem a celebração eucarística. Essa oração sintetiza os principais eventos e promessas da história da salvação, tornando presente, na ação litúrgica, a obra redentora de Cristo. Assim, ela atualiza o mistério pascal para os fiéis que participam da celebração eucarística, ao mesmo tempo em que rende glória a Deus e orienta os participantes para uma perspectiva escatológica, reafirmando que a vida cristã é um caminho que conduz à vida eterna junto de Deus.

## **I. A Oração Eucarística II segundo *Missale Romanum* promulgado por Paulo VI**

### ***Fonte primigênia da Oração Eucarística II***

O texto da Oração Eucarística II inspira-se na anáfora da *Traditio Apostolica*, atribuída a Hipólito de Roma, embora apresente variações significativas<sup>3</sup>. Sua estrutura original não pôde ser integralmente preservada: a anáfora de Hipólito carece do “Santo”, da epiclese de consagração que precede o relato da instituição da Eucaristia, bem como da comemoração dos santos e das intercessões.

---

<sup>3</sup> Cf. Raffa, *Liturgia eucarística*, 725-726; Bernard Botte, “La anáfora breve,” em *Las cuatro plegarias eucarísticas del Misal Romano*, ed. Josep Urdeix, Cuadernos Phase 71 (Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1996), 21–28.

A seguir, apresenta-se ao leitor o texto completo da anáfora da *Traditio Apostolica*, conforme a edição de Bernard Botte, acompanhado de uma tradução para o português:

“Dominus vobiscum.

Et omnes dicant: Et cum spiritu tuo.

Sursum corda – Habemus ad Dominum.

Gratias agamus Domino – Dignum et iustum est.

Et sic iam prosequatur:

Gratias tibi referimus, Deus, per dilectum puerum tuum Iesum Christum, quem in ultimis temporibus misisti nobis salvatorem et redemptorem et angelum voluntatem tuae, qui est Verbum tuum inseparabile, per quem omnia fecisti, et <cum> beneplacitum tibi fuit, misisti de caelo in matricem virginis; quique, in utero habitus, incarnatus est et Filius tibi ostensus est, ex Spiritu sancto et virgine natus.

Qui voluntatem tuam complens et populum sanctum tibi adquirens, extendit manus, cum pateretur, ut a passione liberaret eos qui in te crediderunt.

Qui cumque traderetur voluntariae passioni, ut mortem solvat et vincula diaboli dirumpat, et infernum calcet et iustus illuminet, et terminum figat et resurrectionem manifestet, accipiens panem, gratias tibi agens dixit: Accipite, manducate, hoc est corpus meum quod pro vobis confrigitur.

Similiter et calicem dicens: Hic est sanguis meus, qui pro vobis effunditur. Quando hoc facitis, meam commemorationem fecitis.

Memores igitur mortis et resurrectionis eius, offerimus tibi panem et calicem, gratias tibi agentes, quia nos dignos habuisti adstare coram te et tibi ministrare. Et petimus, ut mittas Spiritum tuum sanctum in oblationem sanctae Ecclesiae; in unum congregans, des omnibus qui percipiunt <de> sanctis in repletionem Spiritus sancti, ad confirmationem fidei in veritate, ut te laudemus et glorificemus per puerum tuum Iesum Christum: per quem tibi gloria et honor Patri et Filio cum sancto Spiritu in sancta Ecclesia tua et nunc et in saecula saeculorum. Amen”.<sup>4</sup>

“O Senhor esteja convosco.

Respondam todos:

E com o teu espírito.

Corações para o alto!

Já os oferecemos ao Senhor.

Demos graças ao Senhor.

É digno e justo.

E prossiga, a seguir:

Graças te damos, Deus, pelo teu Filho querido, Jesus Cristo, que nos últimos tempos nos enviaste, Salvador e Redentor, mensageiro da tua vontade, que é o teu Verbo inseparável, por meio do qual fizeste todas as coisas e que, porque foi do teu agrado, enviaste do Céu ao seio de uma Virgem; que, aí encerrado,

<sup>4</sup> Hippolyte de Rome, *La Tradition apostolique*, 48–53; Anton Hännggi e Irmgard Pahl, *Prex Eucharistica: Textus e variis liturgiis antiquioribus selecti* (Fribourg: Editions Universitaires, 1968), 80–81; Raffa, *Liturgia eucaristica*, 611-612.

tomou um corpo e revelou-se teu Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem. Que, cumprindo a tua vontade – e obtendo para ti um povo santo – ergueu as mãos enquanto sofria para salvar do sofrimento os que confiaram em ti. Que, enquanto era entregue à voluntária Paixão para destruir a morte, fazer em pedaços as cadeias do demônio, esmagar os poderes do mal (pisotear o inferno), iluminar os justos, estabelecer a Lei e dar a conhecer a Ressurreição, tomou o pão e deu graças a ti, dizendo: Tomai, comei, isto é meu corpo que por vós será destruído; tomou, igualmente, o cálice, dizendo: Este é meu Sangue, que por vós será derramado. Quanto fizerdes isto, fã-lo-eis em minha memória.

Por isso, nós que nos lembramos de sua morte e Ressurreição, oferecemos-te o pão e o cálice, dando-te graças porque nos consideraste dignos de estar diante de ti e de servir-te.

E te pedimos que envies o teu Espírito Santo à oblação da santa Igreja: reunindo em um só rebanho todos os fiéis que recebemos a Eucaristia na plenitude do Espírito Santo para o fortalecimento da nossa fé na Verdade, concede que te louvemos e te glorifiquemos, pelo teu Filho Jesus Cristo, pelo qual a ti a glória e a honra – ao Pai e ao Filho, com o Espírito Santo na tua santa Igreja, agora e pelos séculos dos séculos. Amém”<sup>5</sup>.

### ***A Oração Eucarística II, conforme a terceira edição do Missale Romanum***

Logo abaixo, disponibiliza-se ao leitor o texto integral da Oração Eucarística II, conforme consta no *Missale Romanum*, de acordo com a *editio typica tertia*<sup>6</sup>:

“Dóminus vobíscum.  
Et cum spiritu tuo.  
Sursum corda.  
Habémus ad Dóminum.  
Gratias agámus Dómino Deo nostro.  
Dignum et iustum est.

Vere dignum et iustum est, aequum et salutare,  
nos tibi, sancte Pater,  
semper et ubíque grátias ágere  
per Filium dilectiónis tuae Iesum Christum,  
Verbum tuum per quod cuncta fecisti:  
quem misisti nobis Salvatorem et Redemptorem,  
incarnatum de Spiritu Sancto et ex Virgine natum.

<sup>5</sup> Hipólito de Roma, *Tradição Apostólica*, tradução da versão latina e notas por Maria da Glória Novak, introdução de Maucyr Gibin (Petrópolis: Vozes, 1981), 40-41.

<sup>6</sup> *Missale Romanum ex Decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli Pp. VI promulgatum, Ioannis Pauli Pp. II cura recognitum. Editio typica tertia* (Città del Vaticano: Typis Vaticanis, 2002; reimpressio emendata, 2008), 580-584.

Qui voluntatem tuam adimplens  
 et populum tibi sanctum acquires  
 extendit manus cum pateretur,  
 ut mortem solveret et resurrectionem manifestaret.

Et ideo cum Angelis et omnibus Sanctis  
 gloriam tuam praedicamus, una voce dicentes:

Sanctus, Sanctus, Sanctus Dóminus Deus Sábaoth.  
 Pleni sunt caeli et terra glória tua.  
 Hosanna in excélsis.  
 Benedictus qui venit in nomine Dómini.  
 Hosanna in excélsis.

Vere Sanctus es, Dómine, fons omnis sanctitátis.  
 Haec ergo dona, quæsumus,  
 Spíritus tui rore sanctífica,  
 ut nobis Corpus et Sanguis fiant  
 Dómini nostri Iesu Christi.

Qui cum Passiõni voluntárie traderetur  
 accépit panem et grátias agens fregit,  
 deditque discipulus suis, dicens:

ACCÍPITE ET MANDUCÁTE EX HOC OMNES:  
 HOC EST ENIM CORPUS MEUM,  
 QUOD PRO VOBIS TRADÉTUR.

Símili modo, postquam cenátum est,  
 accípiens et cálicem  
 íterum tibi grátis agens dedit discipulus suis, dicens:

ACCÍPITE ET BÍBITE EX EO OMNES:  
 HIC EST ENIM CALIX SÁNGUINIS MEI  
 NOVI ET AETÉRNÍ TESTAMÉNTI,  
 QUI PRO VOBIS ET PRO MULTIS EFFUNDÉTUR  
 IN REMISSIÓNEM PECCATÓRUM.  
 HOC FACITE IN MEAM COMMEMORATIÓNEM.

Mystérium fidei.

*Et populus prosequitur, acclamans:*

Mortem tuam annuntiámus, Domine,  
 et tuam resurrectionem confitémur, donec venias.

Vel:

Quotiescumque manducamus panem hunc  
 et calicem bibimus,  
 mortem tuam annuntiamus, donec venias.

Vel:

Salvator mundi, salva nos,  
qui per crucem et resurrectionem tuam liberasti nos.

Mémores ígitur mortis et resurrectionis eius,  
tibi, Dómine, panem vitae  
et cálicem salutis offerimus,  
grátias ágentes quia nos dignos habuísti  
astáre coram te et tibi ministráre.

Et súplices deprecámur  
ut Córporis et Sánguinis Christi participes  
a Spíritu Sancto congregémur in unum.

Recordáre, Dómine, Ecclésiæ tuæ toto orbe diffusæ,  
ut eam in caritaté perficias  
una cum Papa nostro N. et Episcopo nostro N.\*  
et univérso clero.

*In missis pro defunctis addi potest:*

Memento famuli tui (famulae tuae) N.,  
quem (quem) (hódie) ad te hoc mundo vocásti.  
Concéde, ut, qui (quæ) complantátus (complantáta) fuit  
similitúdini mortis Filii tui,  
simul fiat et resurrectionis ipsius.

Meménto étiam fratrum nóstrum,  
qui in spe resurrectionis dormiérunt,  
omniúmque in tua miseratióne defunctorum,  
et eos in lumen vultus tui admítte.

Omnium nostrum, quáesumus, miserére,  
ut cum beáta Dei Genetrice Vírgine María,  
beátis Apóstolis et ómnibus Sanctis,  
qui tibi a saéculo placuérunt,  
aetérnae vitae mereámur esse consórtes,  
et te laudémus et glorificémus

per Fílium tuum Iesum Christum.

Per ipsum, et cum ipsum, et in ipso,  
est tibi Deo Patri omnipotenti,  
in unitáte Spíritus Sancti,  
omnis honor et glória  
per ómnia saécula saeculórum.

Amén”.

Segundo Raffa, Bugnini e Mazza<sup>7</sup>, vários conceitos e expressões arcaicas, de difícil compreensão, presentes na oração eucarística da *Traditio Apostolica* foram eliminados, como, por exemplo: “angelum voluntatis tuae, qui est Verbum tuum inseparabile; in matricem Virginis; filius tibi ostensus est; vincula diabuli dirumpat et infernum calcet; et terminum figat...”.

Em relação à brevidade da Oração Eucarística II, é importante observar que, se forem excluídos o memento nas missas pelos fiéis defuntos, a aclamação: “*Mysterium fidei*” e a respectiva resposta da assembleia – “*Mortem tuam annuntiámus...*” –, ela contém 368 palavras, ou seja, cerca de 290 palavras a menos do que o Cânon Romano, que, por sua vez, não possui prefácio próprio.

### ***A tradução e adaptação da Oração Eucarística II, conforme o Missal Romano brasileiro de 2023***

Embora o texto latino da Oração Eucarística II tenha permanecido inalterado desde a promulgação do *Ordo Missae*<sup>8</sup> por Paulo VI – exceto pela inclusão do nome de São José<sup>9</sup> –, no Brasil foram elaboradas três traduções distintas dessa oração, conforme as sucessivas edições do *Missal Romano*<sup>10</sup>. A seguir, apresenta-se a tradução da terceira edição do *Missal Romano*:

“O Senhor esteja convosco.  
Ele está no meio de nós.  
Corações ao alto.  
O nosso coração está em Deus.  
Demos graças ao Senhor, nosso Deus.  
É nosso dever e nossa salvação.

<sup>7</sup> Cf. Raffa, *Liturgia eucarística*, 726; Annibale Bugnini, *A Reforma Litúrgica* (1948–1975), trad. Paulo F. Valério (São Paulo: Paulinas; Paulus; Edições Loyola, 2018), 393; Enrico Mazza, *Le odierne preghiere eucaristiche. I: Struttura, fonti, teologia*, 2a ed. (Bologna: Edizioni Dehoniane, 1991), 184–185.

<sup>8</sup> *Missale Romanum ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum. Ordo Missae, Editio typica* (Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1969), 118–122.

<sup>9</sup> Em 2013 foi acrescentado nome de São José nas orações eucarísticas II, III e IV do *Missal Romano*. Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, “Decreto com o qual se acrescenta o nome de São José nas Orações Eucarísticas II, III e IV do Missal Romano”, *Notitiae* 561-562 (2013): 225-226.

<sup>10</sup> Cf. *Missal Romano: Restaurado por Decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI*. Tradução portuguesa da edição típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1973), 417-421; *Missal Romano: restaurado por Decreto do Sagrado Concílio Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI*. Tradução portuguesa da 2a edição típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica (São Paulo: Paulus, 1992), 477-481.

Na verdade, é digno e justo,  
é nosso dever e salvação dar-vos graças  
sempre e em todo lugar,  
Senhor, Pai santo,  
por vosso amado Filho, Jesus Cristo.

Ele é a vossa Palavra,  
pela qual tudo criastes.  
Ele é o nosso Salvador e Redentor,  
que se encarnou pelo Espírito Santo  
e nasceu da Virgem Maria.  
Ele, para cumprir a vossa vontade  
e adquirir para vós um povo santo,  
estendeu os braços na hora da sua paixão,  
a fim de vencer a morte  
e manifestar a ressurreição.

Por isso,  
com os Anjos e todos os Santos,  
proclamamos vossa glória,  
cantando (dizendo) a uma só voz:

Santo, Santo, Santo,  
Senhor, Deus do universo.  
O céu e a terra proclamam a vossa glória.  
Hosana nas alturas!  
Bendito o que vem em nome do Senhor!  
Hosana nas alturas!

Na verdade, ó Pai, vós sois Santo,  
fonte de toda santidade.  
Santificai, pois, estes dons,  
derramando sobre eles o vosso Espírito,  
a fim de que se tornem para nós  
o Corpo e o Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo.

Enviai o vosso Espírito Santo!

Estando para ser entregue  
e abraçando livremente a paixão,  
Jesus tomou o pão,  
pronunciou a bênção de ação de graças,  
partiu e o deu a seus discípulos,  
dizendo:

**TOMAI, TODOS, E COMEI:  
ISTO É O MEU CORPO,  
QUE SERÁ ENTREGUE PRO VÓS.**

Do mesmo modo,  
no fim da Ceia,  
ele tomou o cálice em suas mãos  
e, dando graças novamente,  
o entregou a seus discípulos,  
dizendo:

TOMAI, TODOS, E BEBEI:  
ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE,  
O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA,  
QUE SERÁ DERRAMADO PRO VÓS E POR TODOS  
PARA A REMISSÃO DOS PECADOS.  
FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM.

Mistério da fé!

Anunciamos, Senhor, a vossa morte  
e proclamamos a vossa ressurreição.  
Vinde, Senhor Jesus!

Ou:

Mistério da fé e do amor!  
Todas as vezes que comemos deste pão  
e bebemos deste cálice,  
anunciamos, Senhor, a vossa morte,  
enquanto esperamos a vossa vinda!

Ou:

Mistério da fé para a salvação do mundo!  
Salvador do mundo, salvai-nos,  
vós que nos libertastes

Celebrando, pois, o memorial  
da morte e ressurreição do vosso Filho,  
nós vos oferecemos, ó Pai,  
o Pão da vida e o Cálice da salvação;  
e vos agradecemos  
porque nos tornastes dignos  
de estar aqui na vossa presença e vos servir.

Aceitai, ó Senhor, a nossa oferta!

Suplicantes, vos pedimos  
que, participando do Corpo e Sangue de Cristo,

sejamos reunidos pelo Espírito Santo  
num só corpo.

O Espírito Santo nos una num só corpo!

Lembrai-vos, ó Pai,  
da vossa Igreja que se faz presente pelo mundo inteiro,  
que ela cresça na caridade,  
em comunhão com o Papa N.,  
com o nosso Bispo N.,  
os bispos do mundo inteiro,  
os presbíteros, os diáconos  
e todos os ministros do vosso povo.

Lembrai-vos, ó Pai, da vossa Igreja!

*Nas missas pelos fiéis defuntos*

Lembrai-vos do vosso filho (da vossa filha) N.,  
que (hoje) chamastes deste mundo à vossa presença.  
Tendo sido sepultado(a) com Cristo em sua morte, no Batismo,  
participe igualmente da sua ressurreição.

Lembrai-vos também, na vossa misericórdia,  
dos (outros) nossos irmãos e irmãs  
que adormeceram na esperança da ressurreição  
e de todos os que partiram desta vida;  
acolhei-os junto a vós  
na luz da vossa face.

Concedei-lhes, ó Senhor, a luz eterna!

Enfim, nós vos pedimos,  
tende piedade de todos nós  
e dai-nos participar da vida eterna,  
com a Virgem Maria, Mãe de Deus,  
São José, seu esposo, os Apóstolos,  
(São N.: Santo do dia ou padroeiro)  
e todos os Santos que neste mundo  
viveram na vossa amizade,  
a fim de vos louvamos e glorificarmos  
por Jesus Cristo, vosso Filho.

Por Cristo,  
com Cristo,  
e em Cristo,  
a vós, Deus Pai todo-poderoso,  
na unidade do Espírito Santo,  
toda honra e toda glória,

por todos os séculos dos séculos.  
Amém”<sup>11</sup>.

## II. Comentário teológico-litúrgico

### *Diálogo introdutório*

A Oração Eucarística II inicia-se com um diálogo introdutório entre o sacerdote e a assembleia, —elemento comum, embora não idênticos em todas as preces eucarísticas<sup>12</sup> — cujo primeiro testemunho litúrgico encontra-se precisamente na *Traditio Apostolica*<sup>13</sup>. A primeira parte do diálogo (“*Dominus vobiscum - Et cum spiritu tuo*”) encontra-se presente no início da celebração eucarística<sup>14</sup>. A expressão “*Dominus vobiscum*” é de inspiração bíblica, encontrando-se no livro de Rute<sup>15</sup>. O verbo está subentendido, podendo ser *est* (é/está) ou *sit* (seja/esteja). Como se pode notar, os tradutores do Missal optaram por considerar *sit*<sup>16</sup>, traduzindo a saudação com uma oração optativa — “O Senhor esteja convosco” — para indicar uma invocação. Santo Agostinho (†430) oferece a seguinte testemunho e explicação: “A saudação que vos dirigi quando estava à mesa do Senhor: *O Senhor esteja convosco*, também costume dizê-la quando estou no presbitério e todas as vezes que pronuncio alguma oração, pois precisamos de ter o Senhor sempre ao nosso lado, uma vez que, sem Ele, não somos nada”<sup>17</sup>. No que diz respeito à resposta do povo — “*Et cum*

<sup>11</sup> *Missal Romano: reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e Promulgado por Autoridade de S. S. o Papa Paulo VI e Revisto por S. S. o Papa João Paulo II*. Tradução portuguesa da terceira edição típica realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica (Brasília: Edições CNBB, 2023), 536–544.

<sup>12</sup> Cf. Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 83, 103, 135, 144, 174, 219, 225, 231, 245, 265, 269, 276, 281, 285, 288, 292, 298, 303, 306, 311, 315, 320, 327, 332, 337, 342, 349, 359, 375, 381, 387, 405, 410, 426, 449, 452, 463.

<sup>13</sup> Cf. Giovanni di Napoli, “La Prex a Roma prima e dopo l’introduzione del Sanctus: sconvolgimento e riconfigurazione,” *Ecclesia Orans* 25 (2008): 263.

<sup>14</sup> Cf. *Missale Romanum* (2008), 504.

<sup>15</sup> Trata-se da fórmula de saudação de Booz aos segadores do seu campo: “‘*Dominus vobiscum*’. *Qui responderunt ei: ‘Benedicat tibi Dominus’*” (Rt 2,4). Existe um paralelo no Segundo Livro das Crônicas: “*Dominus vobiscum, quia fuistis cum eo*” (15,2), assim como uma fórmula semelhante nas saudações finais da Segunda Carta de São Paulo aos Tessalonicenses: “*Dominus cum omnibus vobis*” (3,16). Os textos bíblicos em latim são tomados da *Nova Vulgata: Bibliorum Sacrorum editio Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II ratione habita iussu Pauli PP. VI, recognita auctoritate Ioannis Pauli PP. II promulgata*, Editio typica alter, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998.

<sup>16</sup> Embora não se possa afirmar com segurança, talvez se possa conjecturar que a escolha do verbo *sit* tenha sido motivada pelo fato de a saudação da Segunda Carta de São Paulo aos Tessalonicenses, na *Vulgata Clementina*, conter o verbo *sit* após *Dominus*: “*Dominus sit cum omnibus vobis*” (3,16).

<sup>17</sup> Santo Agostinho, *Sermão* 229A, 3, em José de Leão Cordeiro, *Antologia litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003), 923.

*spiritu tuo*” —, pode-se encontrar uma explicação em uma homilia de São João Crisóstomo († 407), na qual essa resposta é relacionada ao carisma que o ministro recebeu do Espírito Santo por meio do sacramento da Ordem<sup>18</sup>. Aqui é preciso notar que a resposta da assembleia no Missal brasileiro — “Ele está no meio de nós” — difere totalmente do texto latino. Contudo, pode-se verificar uma relação com um texto do Evangelho de Mateus, no qual Jesus, referindo-se à oração em comum, diz: “Em verdade ainda vos digo: se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,19-20)<sup>19</sup>.

O convite “*Sursum corda*”, na opinião de Di Napoli<sup>20</sup>, parece ter sua raiz bíblica no livro das Lamentações: “*Levemus corda nostra cum manibus ad Dominum in caelos*” (Lm 3,41). Santo Agostinho, em um de seus sermões, explica o sentido do convite e também da resposta da assembleia (“*Habemus ad Dominum*”): “Que quer dizer *Corações ao alto*? É pôr a esperança em Deus, não em ti, porque tu estás abaixo, mas Deus está acima. Se pões a esperança em ti mesmo, o teu coração está em baixo, não está no alto. Por isso, quando ouvís o sacerdote dizer: *Corações ao alto*, respondeis: *O nosso coração está levantado para o Senhor*. Esforçai-vos por responder com verdade, porque a vossa resposta ficará nas atas de Deus. Sejam as coisas como as dizeis; o que a língua diz não o negue vida”<sup>21</sup>. Outro testemunho é encontrado na obra *De Dominica oratione*, de São Cipriano de Cartago (†258): “Quando estamos de pé, na Oração, irmãos caríssimos,

<sup>18</sup> “Se não houvesse Espírito Santo, não haveria na Igreja pastores e doutores; porque estes são-no pelo Espírito Santo, como diz São Paulo: ‘Foi o Espírito Santo que vos constituiu pastores e bispos sobre o rebanho (At 20,28). Como vedes, também isso se faz pelo Espírito Santo. Se não houvesse Espírito Santo no vosso doutor e pai comum, quando há pouco subi a esta tribuna sagrada e vos dei a paz, não me teríeis respondido todos com este clamor: ‘Καὶ τῷ Πνεύματι σου’; aliás, não lhe dais essa resposta só quando se sobe a este lugar, vos fala, ou pede por vós, mas também quanto está de pé nesse altar sagrado, quando se prepara para oferecer o sacrifício tremendo – os iniciados sabem do que falo; ele não toca a oferenda enquanto não tiver pedido para vós a graça do Senhor e até lhe terdes respondido: ‘Καὶ τῷ Πνεύματι σου’. Esta resposta recorda-vos que não é aquele que ali está presente que faz o que quer que seja e que aquela oblação não é fruto duma atividade natural. A graça do Espírito Santo, que tudo penetra com a sua presença, é que leva a cabo aquele sacrifício místico. De fato, embora seja um homem que ali está, é Deus quem atua por seu intermédio. Por isso, não prestes atenção àquilo que o homem é, mas à graça do invisível. Nenhuma das coisas que se realizam neste lugar sagrado é natural. Se o Espírito Santo não assistisse a Igreja com a sua presença, ela não permaneceria. De fato, se a Igreja permanece é, com toda a evidência, porque a assiste o Espírito Santo...” (São João Crisóstomo, *Homilia sobre o santo Pentecostes*, em Cordeiro, *Antologia litúrgica*, 619-620).

<sup>19</sup> Os textos bíblicos em português são citados segundo a tradução da *Bíblia de Jerusalém*, nova edição, revista e ampliada (São Paulo: Paulus, 2002), 6ª impressão, 2010.

<sup>20</sup> Cf. Di Napoli, “La Prex a Roma,” 263.

<sup>21</sup> Santo Agostinho, *Sermão* 229, 3, em Cordeiro, *Antologia litúrgica*, 922. Cf. Santo Agostinho, *Sermão* 229A, 3, em Cordeiro, *Antologia litúrgica*, 923.

devemos estar atentos a entregar-nos às preces como todo o coração. Há que pôr de lado todo o pensamento carnal e terreno, e só aquilo que se pede nos deve então ocupar o espírito. Por isso, antes da Oração, o sacerdote, com um breve prefácio, prepara os espíritos dos irmãos, dizendo: *Sursum corda*, para que, quando o povo responde: *Habemus ad dominum*, ele se lembre que só deve pensar no Senhor. Fechemos o coração ao Adversário e fique só aberto a Deus e não aceitemos que o inimigo de Deus nele esteja presente durante o tempo da Oração...<sup>22</sup>.

A seguir, apresenta-se o convite à ação de graças com sua respectiva resposta: “*Grátias agámus Dómino Deo nostro — Dignum et iustum est*” (em português: “Demos graças ao Senhor, nosso Deus — É nosso dever e nossa salvação”). O convite tem uma referência bíblica em Ap 11,17: “*Grátias ágimus tibi, Dómine, Deus omnípotens*”<sup>23</sup>. A assembleia é convidada a unir-se ao sacerdote, que age in persona Christi e em nome da Igreja, “na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício”<sup>24</sup>. A resposta da assembleia — “*Dignum et iustum est*” (É digno e justo) — é uma afirmação com valor teológico: é apropriado e necessário agradecer a Deus por sua benevolência, benignidade, bondade e salvação. Com essa resposta, a assembleia se une e concorda — ou seja, age em perfeita harmonia e união de vontade com o sacerdote — ao dar graças a Deus e ao entrar ativamente no louvor divino, reconhecendo que a Eucaristia é a resposta justa ao amor e à salvação de Deus. Em português, a resposta da assembleia — “É nosso dever e nossa salvação” — difere do texto latino, embora, assim como “*Dignum et iustum est*”, também se inspire em outra expressão presente no prefácio: *aequum et salutare*<sup>25</sup>. A palavra *aequum* é traduzida como “É nosso dever”. Segundo Mazza<sup>26</sup>, “É nosso dever” é uma expressão adequada para traduzir a *aequitas* (equidade) latina, a qual, segundo ele, é uma virtude análoga à justiça e intimamente relacionada com a *pietas*, atributo próprio daquele que cumpre seus deveres, sobretudo em relação às divindades. *Salutare*, por sua vez, foi traduzido como “nossa salvação” (que traz salvação), o que é útil para expressar o valor salvífico do ato de “dar graças ao Senhor”.

<sup>22</sup> São Cipriano de Cartago, *A Oração dominical* 31, em Cordeiro, *Antologia litúrgica*, 280.

<sup>23</sup> A *Bíblia de Jerusalém* traz a seguinte tradução: “Nós te damos graças, Senhor Deus Todo-poderoso” (Ap 11,17).

<sup>24</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 78, em *Missal Romano* (2023), 31.

<sup>25</sup> A expressão *aequum et salutare* repete-se 97 na edição typica emendata do *Missale Romanum*.

<sup>26</sup> Cf. Mazza, *Le odierne preghiere eucaristiche*, 121.

## Prefácio

Uma das características marcantes do *Missal* de Paulo VI é a sua riqueza eucológica. No que se refere aos prefácios<sup>27</sup>, sob o aspecto quantitativo, a terceira edição *typica emendata* do *Missale Romanum* (2008) contém 98 prefácios, enquanto o *Missale Romanum* de 1962 apresenta apenas 16<sup>28</sup>. Já o *Missal Romano* brasileiro, em sua forma mais recente, contém atualmente 118 prefácios<sup>29</sup>, – ou seja, 19 prefácios a mais que a edição anterior, que apresentava 99<sup>30</sup>. A *Instrução Geral sobre o Missal Romano* explica a razão do incremento no número de prefácios: “O grande número de prefácios com que o *Missal Romano* foi enriquecido tem por objetivo pôr em plena luz os temas da ação de graças na Oração eucarística e realçar os vários aspectos do mistério da salvação”<sup>31</sup>.

Do ponto de vista estrutural-literário, os prefácios são compostos por diversas partes: a) o diálogo introdutório; b) o protocolo inicial; c) o embolismo (parte central variável); d) o protocolo final; e) a conclusão: *Sanctus–Benedictus*<sup>32</sup>. O protocolo inicial do prefácio da Oração Eucarística II — isto é, desde *Vere dignum* até a expressão *grátias ágere* — coincide com o de grande parte dos demais prefácios<sup>33</sup>.

A expressão cronológica e topológica *semper et ubique* (sempre e em todo lugar) indica que a Igreja deseja dar graças a Deus não apenas no momento culminante da celebração eucarística<sup>34</sup>, mas de forma contínua e universal, pois a glorificação agradecida a Deus constitui o núcleo central de sua missão<sup>35</sup>.

O texto em latim se refere a Deus como “Pai santo” (*sancte Pater*), enquanto a versão em português utiliza a forma “Senhor, Pai santo”. Vale destacar que a expressão “Senhor, Pai santo” (*Domine*<sup>36</sup>, *sancte Pater*) é recorrente em diversos outros prefácios<sup>37</sup>.

<sup>27</sup> Cf. *Missale Romanum* (2008), 1297-1300.

<sup>28</sup> Cf. *Missale Romanum: Editio typica 1962. Edizione anastatica*, introdução de Manlio Sodi e Alessandro Toniolo (Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007), 316, 368–381.

<sup>29</sup> Cf. *Missal Romano* (2023), 1259-1261.

<sup>30</sup> Cf. *Missal Romano* (1992), 1077-1081.

<sup>31</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 364, em *Missal Romano* (2023), 59.

<sup>32</sup> Cf. Achille Maria Triacca, “La strutturazione eucologica dei Prefazi. Contributo metodologico per una loro retta esegesi (In margine al nuovo ‘Missale Romanum’),” *Ephemerides Liturgicae* 86 (1972): 233–279.

<sup>33</sup> Cf. Anthony Ward and Cuthbert Johnson, *The Prefaces of the Roman Missal: A Source Compendium with Concordance and Indices* (Rome: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1989), 536-537.

<sup>34</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 30, em *Missal Romano* (2023), 25.

<sup>35</sup> Cf. Antonio Miralles, *Teologia litúrgica dei sacramenti. I. Eucaristia* (Roma: Edusc, 2022), 219.

<sup>36</sup> Segundo Albert Blaise, o termo *Dominus*, no Antigo Testamento da Vulgata, corresponde quase sempre ao *lahweh* do texto hebraico. Cf. Albert Blaise, *Le vocabulaire latin des principaux thèmes liturgiques*, ouvrage revu par Dom Antoine Dumas, O.S.B. (Turnhout: Brepols, 1966), 283–284. Cf. Catecismo da Igreja Católica, 2ª ed. (Brasília: Edições CNBB, 2013), § 446.

<sup>37</sup> *Praefatio I de Adventu, II de Adventu, I de Nativitate Domini, De Epiphania Domini, In Baptismate*

O recurso à mediação de Cristo constitui um elemento recorrente no protocolo dos prefácios. A fórmula “*per Christum Dóminum nostrum*” (por Cristo, nosso Senhor) está presente em 56 deles. Todavia, no prefácio da Oração Eucarística II, utiliza-se uma expressão única – que não se encontra em outros prefácios – para indicar a mediação de Cristo: trata-se do sintagma “*per Filium dilectionis tuae Iesum Christum*”<sup>38</sup>, que tem sua referência em Colossenses 1,13: “*transtulit in regnum Filii dilectionis suae*”; também em Marcos 9,7: “*Hic est Filius meus dilectus*”, e nos paralelos: Lc 9,35: “*Hic est Filius meus electus*”, Mateus 12,18: “*Ecce puer meus, quem elegi, dilectus meus, in quo bene placuit animae meae*” que cita o profeta Isaías 42,1: “*Ecce servus meus, suscipiam eum; electus meus, complacet sibi in illo anima mea*”. Por fim, no Evangelho de João encontram-se também as seguintes afirmações: “*Pater diligit Filium et omnia dedit in manu eius*” (Jo 3,35) e “*Pater enim diligit Filium et omnia demonstrat ei, quae ipse facit*” (Jo 5,20).

Em seguida, a criação é evocada de forma sintética pela fórmula “*Verbum tuum, per quod cuncta fecisti*” (Ele é vossa Palavra, pela qual tudo criastes). Tal expressão remete a diversas passagens da Sagrada Escritura que atestam a ação criadora de Deus por meio do Verbo: o prólogo do Evangelho segundo João<sup>39</sup>; o hino cristológico primitivo transmitido por São Paulo na Carta aos Colossenses<sup>40</sup>; o Salmo 33(32)<sup>41</sup>; bem como os livros da Sabedoria<sup>42</sup> e do Eclesiástico<sup>43</sup>.

O prefácio continua a referir-se ao Verbo de Deus com a expressão “*quem misisti nobis*” (que enviaste a nós). Lamentavelmente, a segunda e a terceira edições do Missal Romano em português omitiram a tradução dessa expressão, que estava presente na primeira edição, na forma: “Vós o enviastes”<sup>44</sup>. A expressão “*quem misisti nobis*” ressalta que o Verbo é

*Domini, I de Quadragesima, II de Quadragesima, I de Passione Domini, II de Passione Domini, I de Ascensione Domini, II de Ascensione Domini, I de Dominicis “Per annum”, II de Dominicis “Per annum”, III de Dominicis “Per annum”, IV de Dominicis “Per annum”, V de Dominicis “Per annum”, VI de Dominicis “Per annum”, VII, de Dominicis “Per annum”, VIII de Dominicis “Per annum”, I de SS.ma Eucharistia, II de SS.ma Eucharistia, I de B. Maria Virgine, I de Apostolis etc.*

<sup>38</sup> A *Traditio Apostolica* dizia: “*per dilectum puerum tuum Iesum Christum*”.

<sup>39</sup> “*In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum. Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil, quod factum est*” (Jo 1,1-3).

<sup>40</sup> “*qui est imago Dei invisibilis, primogenitus omnis creaturae, quia in ipso condita sunt universa in caelis et in terra, visibilia et invisibilia, sive throni sive dominationes sive principatus sive potestates. Omnia per ipsum et in ipsum creata sunt*” (Col 1,15-16).

<sup>41</sup> “*Verbo Domini caeli facti sunt, et spiritu oris eius omnis virtus eorum. Congregans sicut in utre aquas maris, ponens in thesauris abyssos. Timeat Dominum omnis terra, a facie autem eius formident omnes inhabitantes orbem. Quoniam ipse dixit, et facta sunt, ipse mandavit, et creata sunt*” (Sl 33[32], 6-9).

<sup>42</sup> “*Deus patrum meorum et Domine misericordiae, qui fecisti omnia verbo tuo*” (Sb 9,1).

<sup>43</sup> “*Memor ero igitur operum Domini et, quae vidi, annuntiabo: in sermonibus Domini opera eius, et factum est in voluntate sua iudicium*” (Eclo 42,15).

<sup>44</sup> *Missal Romano* (1973), 417.

enviado pelo Pai – uma menção explícita à missão do Filho, conforme atestam diversos textos da Sagrada Escritura<sup>45</sup>, especialmente o Evangelho de João<sup>46</sup>. Ao não se traduzir a frase “*quem misisti nobis*”, enfraquece-se o vínculo evidente entre a encarnação de Jesus Cristo e sua condição de enviado do Pai. Longe de ser irrelevante, essa omissão provoca um empobrecimento teológico da Oração Eucarística.

Os títulos de Cristo — *Salvator* e *Redemptor* —, assim como o de “enviado”, estão firmemente radicados nas Sagradas Escrituras<sup>47</sup>. Miralles<sup>48</sup> comenta que Cristo é Salvador em seu sentido mais profundo, pois liberta a humanidade dos maiores males e perigos – isto é, do pecado e de suas consequências –, e é Redentor porque, mediante sua paixão e morte<sup>49</sup>, liberta o homem da servidão decorrente do pecado.

O mistério da Encarnação é expresso em duas proposições — “*incarnatum de Spiritu Sancto et ex Virgine natum*” — que remetem ao correspondente artigo dos Símbolos, tanto o Apostólico quanto o Niceno-constantinopolitano<sup>50</sup>.

<sup>45</sup> Cf. 1Jo 4,9-10,14; Gl 4,4; At 3,36; Lc 4,18,43; Rm 8,3.

<sup>46</sup> “Pois Deus não enviou o Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,17); “Com efeito, aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus” (Jo 3,34); “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (Jo 4,34); “Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou. Em verdade, em verdade, vos digo: quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não vem a julgamento, mas passou da morte à vida” (Jo 5,23-24); “não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 5,30); “Eu, porém, tenho testemunho maior que o de João: as obras que o Pai me encarregou de consumir. Tais obras, eu as faço e elas dão testemunho de que o Pai me enviou. Também o Pai que me enviou dá testemunho de mim. Jamais ouvistes a sua voz, nem contemplastes a sua face, e sua palavra não permanece em vós porque não credes naquele que me enviou” (Jo 5,36-38); “Então, em alta voz, Jesus ensinava no templo, dizendo: ‘Vós conheceis e sabeis de onde eu sou; no entanto, não vim por própria vontade, mas é verdadeiro aquele que me enviou e que não conheceis. Eu, porém o conheço, porque venho de junto dele, e foi ele quem me enviou.’” (Jo 7,28-29; “Se Deus fosse vosso pai, vós me amariéis, porque saí de Deus e dele venho; não venho por mim mesmo, mas foi ele que me enviou” (Jo 8,42); “A obra de Deus é que creiais naquele que ele enviou” (Jo 6,29); “Pai, dou-te graças porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouviste; mas digo isso por causa da multidão que me rodeia, para que creiam que me enviaste” (Jo 11,41-42); “porque não falei pro mim mesmo mas o Pai, que me enviou, me prescreveu o que dizer e o que falar” (Jo 12,49); “Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3); “porque as palavras que me deste eu as dei a eles, e eles as acolheram e reconheceram verdadeiramente que saí de junto de ti e creiam que me enviaste” (Jo 17,8); “Como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo” (Jo 17,18); “para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21); “Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci e estes reconheceram que tu me enviaste” (Jo 17,25); “A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20,21).

<sup>47</sup> Salvador: Lc 2,11; Jo 4,42; At 5,31; 13,23; 1Tm 4,10; Fil 3,20; Tt 2,13; 3,6; 1Jo 4,14. Redentor: Gl 3,13; 4,5; Tt 2,14; 1Pd 1,18-19; Ap 5,9; 1Cor 1,30; Mt 20,28.

<sup>48</sup> Cf. Miralles, *Teologia litúrgica dei sacramenti: I. Eucaristia*, 221.

<sup>49</sup> “E é pelo sangue deste [Jesus Cristo] que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça” (Ef 1,7); “Ele nos arrancou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, no qual temos a redenção – a remissão dos pecados” (Cl 1,13-14).

<sup>50</sup> Símbolo Niceno-constantinopolitano: “*Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine*”. Símbolo Apostólico: “*qui conceptus est de Spiritu Sancto, natus ex Maria Virgine*” (*Missale Romanum* (2008), 513). Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, §§ 456-570.

Na sequência, o prefácio enfatiza a perfeita adesão e obediência ao Pai com que Cristo enfrentou o sofrimento e a cruz: “*Qui voluntatem tuam adimplens et populum tibi sanctum acquirens extendit manus cum pateretur*”. Nesta fórmula ressoam diversos textos da Sagrada Escritura, especialmente do Evangelho segundo São João: “É preciso que o mundo saiba que amo o Pai e faço como o Pai<sup>51</sup> me ordenou” (Jo 14,31); “Não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 5,30); “Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e o poder de retomá-la; esse é o mandamento que recebi do meu Pai” (Jo 10,17-18). A mesma disposição interior de cumprir a vontade do Pai manifesta-se também no relato sinóptico da agonia no Getsêmani: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc 22,42); “Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice: contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26,39); “E dizia: ‘Abba (Pai)! Tudo é possível para ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres’” (Mc 14,36).

Por sua vez, a expressão “*extendit manus cum pateretur*” remete claramente à cena da crucificação de Cristo<sup>52</sup>. Por fim, as expressões “*populum tibi sanctum acquirens*” e “*mortem solveret et resurrectionem manifestaret*” exprimem o objetivo da obra redentora de Cristo. “*Populum tibi sanctum acquirens*” remete à Primeira Carta de São Pedro: “Mas vós sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade (*genssancta, populus in acquisitionem*)” (1Pd 2,9) e aos Atos dos Apóstolos: “Estai atentos a vós mesmos e a todo o rebanho: nele o Espírito Santo vos constituiu guardiães, para apascentar a Igreja de

---

<sup>51</sup> A respeito da “vontade do Pai”, Mazza, comentando a Oração Eucarística II faz a seguinte observação: “Nella preghiera del Signore si chiede: ‘Sia fatta la tua volontà’. Questa domanda è un tema caratteristico lungo tutte le Scritture, ma l’uomo d’oggi non è in grado di apprezzare questo versetto del Padre nostro. Oggi questa locuzione significa rassegnazione alla volontà divina nel senso di rassegnazione all’ineluttabile, al male e alle disgrazie che occorrono nella vita. ‘Sia fatta la tua volontà’ non viene detto davanti ai *magnalia Dei*, ma solo davanti alle pene della vita. Invece, dal punto di vista biblico, la ‘volontà’ di Dio è la ‘buona volontà’ di Dio: la volontà di salvezza. Come tale essa non si identifica semplicemente con il disegno divino; questo la ricapitola in un insieme. Né si identifica con la sua legge; questa la traduce in modo pratico. La volontà divina, volontà di salvezza, è a monte di tutto questo e ne è l’origine. Come volontà salvifica, la volontà divina incontra la volontà dell’uomo con la quale si confronta: non vuole soppiantarla, ma renderla perfetta. Ossia conforme al disegno di Dio. Per giungere a questo, bisogna che Dio trionfi della cattiveria dell’uomo ed è appunto con Cristo che tutto ciò avviene con successo. Superate queste difficoltà sul tema volontà di Dio, torniamo alla seconda anafora. Qui il Cristo è formalmente presentato come colui che porta a compimento la volontà del Padre che, nell’anafora di Ippolito, è la passione salvatrice. Questo non è molto evidente nella nostra anafora, ma va affermato ugualmente dato che è esplicitamente contenuto nel testo fonte che ui viene solo riassunto per sommi capi, non trasformato od adattato alla odierna teologia” (Mazza, *Le odierne preghiere eucaristiche*, 200-201).

<sup>52</sup> Cf. Botte, “La anáfora breve,” em *Las cuatro plegarias eucarísticas*, 28.

Deus, que ele adquiriu para si pelo sangue do seu Filho (*quam acquisivit sanguine suo*)” (At 20,28)<sup>53</sup>.

O protocolo final – “*Et ideo cum Angelis et omnibus Sanctis gloriam tuam praedicamus, una voce dicentes:*” – constitui uma inovação em relação à *Traditio Apostolica*. Conforme explica Santo Agostinho: “*Angelus enim officii nomen est, non naturae. Quaeris nomen huius naturae, spiritus est; quaeris officium, angelus est: ex eo quod est, spiritus est; ex eo quod agit, angelus est*”<sup>54</sup>. Nessa perspectiva, os anjos<sup>55</sup> são mensageiros celestes, destinados ao serviço e enviados em missão para o bem da humanidade que deve herdar a salvação. Contemplando constantemente a face de Deus Pai, que está nos céus<sup>56</sup>, celebram, nas alturas, a liturgia perpétua (Cf. Ap 4,8-11), à qual se une, na terra, a liturgia da Igreja<sup>57</sup>. Além do que já foi exposto acerca dos anjos, uma afirmação da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* contribui significativamente para a correta interpretação do protocolo conclusivo do prefácio da Oração Eucarística II, no tocante às relações entre a Igreja peregrina e a Igreja celeste: “nossa união com a Igreja celeste se realiza de modo nobilíssimo mormente na sagrada Liturgia, em que a força do Espírito Santo atua sobre nós por meio dos sinais sacramentais, quando em comum exaltação cantamos os louvores de divina majestade, e todos redimidos no sangue de Cristo, de toda tribo, e língua, e povo, e nação, congregados numa só Igreja, em um só cântico de louvor, engrandecemos a Deus uno e Trino. É, portanto, na celebração do sacrificio eucarístico que certamente nos unimos mais estreitamente ao culto da Igreja celeste, uma vez que a ela nos unimos venerando a memória da gloriosa

<sup>53</sup> O Concílio Vaticano II afirma na *Constituição Dogmática Lumen Gentium*: “Aprove contudo a Deus santificar e salvar os homens não singularmente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constitui-os num povo, que O conhecesse na verdade e santamente O servisse” (Concílio Vaticano II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium* sobre a Igreja, n. 9, em *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*, introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M., coordenação geral de Frei Frederico Vier, O.F.M., 30ª ed. (Petrópolis: Editora Vozes, 1968), 48).

<sup>54</sup> “Anjo (mensageiro) é a designação de encargo, não de natureza. Se perguntares pela designação da natureza, é um espírito; se perguntares pelo encargo, é um anjo: é espírito por aquilo que é, é anjo por aquilo que faz” (Santo Agostinho, *Enarratio in Psalmum*, 103, 1, 15, em *Catecismo da Igreja Católica*, § 329).

<sup>55</sup> Cf. Pierre-Marie Galopin e Pierre Grelot, “Anjos,” em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 10ª ed., dir. Xavier Léon-Dufour, trad. Fr. Simão Voigt (Petrópolis: Vozes, 1972), 59–62.

<sup>56</sup> “os seus anjos nos céus vêem continuamente a face de meu Pai que está nos céus” (Mt 18,10).

<sup>57</sup> “Na Liturgia terrena, antegozando, participamos da Liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, peregrinos, nos encaminhamos. Lá, Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do tabernáculo verdadeiro; com toda a milícia do exercito celestial entoamos um hino de glória ao Senhor e, venerando a memória dos Santos, esperamos fazer parte da sociedade deles; suspiramos pelo Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até que ele, nossa vida, Se manifeste, e nós apareçamos com Ele na glória” (Concílio Vaticano II, *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia*, n. 8, em *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*, introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M., coordenação geral de Frei Frederico Vier, O.F.M., 30ª ed. (Petrópolis: Editora Vozes, 1968), 264).

sempre Virgem Maria, bem como do bem-aventurado José, dos bem-aventurados Apóstolos e Mártires e todos os Santos”<sup>58</sup>.

A *Instrução Geral sobre o Missal Romano* especifica que a Oração Eucarística II, “embora tenha prefácio próprio, pode igualmente ser usada com outros prefácios, sobretudo aqueles que de maneira sucinta apresentem o mistério da salvação, por exemplo, os prefácios comuns”<sup>59</sup>. Diante disso, revela-se inadequado o uso indiscriminado de quaisquer prefácios. A utilização de um prefácio que não expresse sinteticamente o mistério da salvação compromete a coerência estrutural desta oração, desfigurando sua configuração teológica<sup>60</sup>.

### **Santo**

O segundo elemento da Oração Eucarística é o *Sanctus*, aclamação de toda a assembleia litúrgica que se une à conclusão do prefácio<sup>61</sup>. Miralles e Raffa atestam que, de acordo com o autor anônimo de uma obra conhecida como *Libellus de Spiritu Sancto*, composta entre os séculos IV e V, o *Sanctus* era recitado pelo sacerdote e pelo povo, juntos, em praticamente todas as Igrejas orientais e em algumas ocidentais. Embora o *Liber Pontificalis* atribua indevidamente sua inserção na liturgia romana ao papa Sixto I († 126?), é certo que o *Sanctus* passou a fazer parte da Oração Eucarística entre os séculos V e VI<sup>62</sup>. O Sacramentário Gelasiano<sup>63</sup>, redigido possivelmente entre 628 e 715, apresenta o texto do *Sanctus* idêntico ao do atual Missal. As fontes dos *Sanctus* são bíblicas: Is 6, 3: “*Sanctus, sanctus, sanctus Dominus, Deus exercituum*”<sup>64</sup>; *plena est omnis terra gloria eius*” ; Mt 21, 9: “*Turbae autem, quae praecedebant eum et quae sequebantur, clamabant dicentes: Hosanna filio David! Benedictus, qui venit in nomine Domini! Hosanna in altissimis!*”; Mc 11,9-10: “*Et qui praeibant et qui sequebantur, clamabant: Hosanna! Benedictus, qui venit in nomine Domini!*”

<sup>58</sup> Concílio Vaticano II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*, n. 50, em *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*, 101-102.

<sup>59</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 365b, em *Missal Romano* (2023), 60.

<sup>60</sup> Cf. Miralles, *Teologia litúrgica dei sacramenti: I. Eucaristia*, 223.

<sup>61</sup> “b) A aclamação pela qual toda a assembleia, unindo-se aos espíritos celestes canta o Santo. Esta aclamação, parte da própria Oração eucarística, é proferida por todo o povo com o sacerdote” (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 79b, em *Missal Romano* (2023), 31). Cf. Josef Andreas Jungmann, *Missarum Sollemnia: Origens, Liturgia, História e Teologia da Missa Romana* (São Paulo: Paulus, 2009), 597; Raffa, *Liturgia eucarística*, 677.

<sup>62</sup> Cf. Miralles, *Teologia litúrgica dei sacramenti: I. Eucaristia*, 225; Raffa, *Liturgia eucarística*, 673-674.

<sup>63</sup> “*Sanctus, sanctus, sanctus, dominus Deus sabaoth. Pleni sunt caeli et terra gloria tua. Osanna in excelsis. Benedictus qui uenit in nomine domini. Osanna in excelsis*” (Leo Cunibert Mohlberg, Leo Eizenhöfer e Petrus Siffrin, eds., *Liber Sacramentorum Romanae Ecclesiae ordinis anni circuli* (Cod. Vat. Reg. lat. 316/Paris Bibl. Nat. 7193, 41/56), 3ª ed. (Roma: Herder, 1981), n. 1243, 184).

<sup>64</sup> A *Vetus Latina*, em vez de *exercituum*, mantinha o hebraico *sabaoth* (סבאֹוֹת) presente na versão grega dos Setenta.

*Benedictum, quod venit regnum patris nostri David! Hosanna in excelsis!*"; Sal 118 (117), 26 "*Benedictus, qui venit in nomine Domini. Benedicimus vobis de domo Domini*". Em português, as frases "*Dominus Deus Sabaoth. Pleni sunt caeli et terra gloria tua*" foram traduzidas livremente como: "Senhor, Deus do universo. O céu e a terra proclamam a vossa glória". Embora se reconheça que a expressão "Deus dos exércitos"<sup>65</sup> possa soar estranha — e talvez até confusa — para fiéis com pouco conhecimento bíblico, uma tradução mais literal preservaria a relação do texto litúrgico com o texto bíblico<sup>66</sup>. Por outro lado, a expressão "proclamam a vossa glória" altera a imagem original — segundo a qual "os céus e a terra estão cheios da tua glória". Conquanto essa formulação adaptada possa parecer mais apropriada em um contexto de oração comunitária, ela não consta no texto original.

### ***Post-Sanctus***

Na Oração Eucarística II, o *post-Sanctus* é assaz breve: "*Vere Sanctus es, Domine, fons omnis sanctitatis*", desenvolvendo de forma concisa o vocábulo *Sanctus*. A tradução em português, no entanto, opta por empregar "Pai" em vez de traduzir *Domine* por "Senhor" — é importante lembrar que a expressão "Pai santo" já havia aparecido no prefácio. Quanto à expressão *fons omnis sanctitatis*, ela pode ser encontrada na oração sobre as oferendas do dia 31 de julho, memória de Santo Inácio de Loyola, referindo-se aos sagrados mistérios da Eucaristia<sup>67</sup>. Na coleta da missa votiva de todos os santos encontra-se a frase: "*Deus, omnis fons sanctitatis*"<sup>68</sup>.

<sup>65</sup> Jungmann observa: "O texto litúrgico deixa o sabaoth sem tradução. Deus é o senhor dos 'exércitos', das multidões. Aqui devemos pensar não somente nas multidões dos anjos, mas em 'todo o exército' dos seres que Deus criou em sua jornada de seis dias (Gn 2,1). Com isso combina também a frasezinha acrescentada na qual a aclamação do anjo anuncia que a glória de Deus enche toda a terra. O texto litúrgico colocou esta aclamação na segunda pessoa e com isso reforçou o caráter de oração: gloria tua" (Jungmann, *Missarum Sollemnia*, 601-602).

<sup>66</sup> A palavra *sabaoth* (σαβαώθ) ocorre diversas vezes no texto do profeta Isaías, aparecendo nos seguintes versículos: Is 1,9.24; 2,12; 3,1.15; 5,7.9.16.24; 6,3.5; 7,7; 8,18; 9,6; 10,16.24.33; 13,4.13; 14,22.24; 17,3; 18,7; 19,4.16.25; 21,10; 22,5.12.14.15.17.25; 23,9; 25,6; 28,5.22.29; 29,6; 31,4; 37,16.32; 39,5; 44,6; 45,13.14; 47,4; 51,15; 48,2; 54,5. Cf. Alfred Rahlfs, ed., *Septuaginta: Id est Vetus Testamentum graecae iuxta LXX interpretes*, editio altera, recognovit et emendavit Robert Hanhart (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006), duo volumina in uno.

<sup>67</sup> Cf. *Missale Romanum* (2008), 795; Raffa, *Liturgia eucaristica*, 729. Mazza, *Le odierne preghiere eucaristiche*, 205 (nota 86). Na Anáfora de Tiago, encontra-se a seguinte expressão: "*Sanctus es, rex saeculorum et omnis sanctitatis Domine et dator*" (Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 246). Eis uma tradução em português: "Como Tu és santo, Rei dos séculos e dador de toda santidade" (*Anáfora Siriaca de Tiago*, em Cordeiro, *Antologia litúrgica*, 1129).

<sup>68</sup> *Missale Romanum* (2008), 1187. "Deus, fonte de toda santidade" (*Missal Romano* (2023), 1163).

### *Epiclese de consagração*

Após o *post-Sanctus*, passa-se à epiclese da consagração<sup>69</sup>: “*Haec ergo dona, quaesumus, Spiritus tui rore sanctifica, ut nobis Corpus et Sanguis fiant Domini nostri Iesu Christi*”. Na oração citada, a palavra *ergo* estabelece um vínculo lógico entre o que foi proclamado anteriormente – o *Sanctus* e o *post-Sanctus* – e o que se segue: a súplica pela santificação dos dons do pão e do vinho para que se tornem o Corpo e Sangue de Cristo. A ideia transmitida é que, visto que Deus é a fonte de toda santidade, conclui-se (*ergo*): “santifica estes dons”.

A propósito do Espírito Santo, ele é simbolizado pela imagem do orvalho (*Spiritus tui rore*), presente em uma epiclese de consagração do *Missale Gothicum*<sup>70</sup>. Essa simbologia também aparece nos sacramentários Gregoriano e Gelasiano, bem como nos missais sucessivos, em uma oração pós-comunhão da missa da Vigília do Domingo de Pentecostes<sup>71</sup>. A mesma imagem pode ser encontrada no livro do profeta Oséias: “Eu serei como o orvalho para Israel, ele florescerá como o lírio, lançará suas raízes como o lírio” (14,6). A metáfora do orvalho evoca algo que desce suavemente, penetra, vivifica e transforma com delicadeza. Em português, a expressão *Spiritus tui rore sanctifica* foi traduzida de maneira mais direta, suprimindo a imagem do orvalho (*rore*), resultando na forma: “derramando sobre eles o vosso Espírito”. Com isso, perde-se a dimensão poética e a referência bíblica ao orvalho, presente no livro do profeta Oséias.

### *Narrativa da instituição e consagração*

A narrativa da instituição inicia-se com um frase tomada da *Traditio Apostolica*: “*Qui cum Passioni voluntarie traderetur*”. A frase é de inspiração bíblica: “Cristo também nos amou e se entregou

<sup>69</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 79c, em *Missal Romano* (2023), 32.

<sup>70</sup> “*Te oramus uti hoc sacrificium tua benedictione benedicas et spiritus sancti tui rore perfundas ut sit omnibus legitima eucharistia*” (*Missale Gothicum: Codice Vaticano Reginensi Latino 317*, ed. Ely Rose, *Corpus Christianorum, Series Latina* 159D (Turnhout: Brepols, 2005), n. 271, 453-454). Cf. Mazza, *Le odierne preghiere eucaristiche*, 205, (nota 87).

<sup>71</sup> “*Sancti Spiritus, Domine, corda nostra mundet infuso: et sui roris intima aspersione fecundet. Per Dominum... in unitate...*” (Manlio Sodi, Alessandro Toniolo e Placide Bruylants (†), eds., *Liturgia Tridentina: fontes–índices–concordantia, 1568–1962* (Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2010), 55–56, 510–511).

(*tradidit*) por nós a Deus, como oferta e sacrifício de odor suave” (Ef 5,2). Outros textos bíblicos afins são: “Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou (*tradidit*) a si mesmo por mim” (Gl 2,20) e “*tradebat autem iudicant se iniuste*” (1Pd 2,23)<sup>72</sup>. A voluntariedade da paixão de Cristo – expressa, em português, pela tradução “abraçando livremente a paixão” – é um aspecto teologicamente relevante, pois Cristo, embora capturado e condenado, mantém-se como o protagonista e Senhor soberano dos acontecimentos. Sua paixão foi assumida (abraçada) livremente<sup>73</sup> como parte integrante de sua missão redentora<sup>74</sup>.

Em seguida, o texto latino afirma: “*accépit panem et grátias agens fregit, deditque discipulis suis, dicens:*”. A tradução em português apresenta: “Jesus tomou o pão, pronunciou a bênção de ação de graças, partiu e o deu a seus discípulos, dizendo”. Como se pode notar, essa tradução diverge do original latino, que não diz “pronunciou a bênção de ação de graças”, mas sim algo mais próximo de “dando graças”, “tendo dado graças” ou “após dar graças”. Convém recordar que a tradução anterior trazia: “Ele (Jesus) tomou o pão, deu graças, e o partiu e deu a seus discípulos, dizendo”<sup>75</sup>. Em latim, *grátias agere* é uma locução que significa “dar graças” e remete ao verbo grego εὐχαριστεῖν, utilizado nos relatos da Última Ceia no Evangelho de Lucas e na Primeira Carta aos Coríntios (Cf. Lc 22,19; 1Cor 11,24)<sup>76</sup>. Pode-se formular a hipótese de que os tradutores da terceira edição do *Missal*, ao optar pela expressão “pronunciou a bênção”, buscaram estabelecer uma referência aos evangelhos de Mateus e Marcos, os quais utilizam o verbo εὐλογεῖν nos relatos da Última Ceia (cf. Mt 26,26; Mc 14,22). Alternativamente, é possível que tenham se inspirado diretamente no Cânon Romano, no qual os dois verbos aparecem juntos: “*grátias agens benedíxit*”<sup>77</sup>.

<sup>72</sup> Cf. *Biblia Sacra, Vulgatæ Editionis Sixti V. et Clementis VIII*, ed. Ronald L. Conte Jr. (2009). Disponível em <https://www.stepbible.org/version.jsp?version=VulgCC>.

<sup>73</sup> “Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e o poder de retomá-la; esse é o mandamento que recebi do meu Pai” (Jo 10,17-18)

<sup>74</sup> Cf. Mazza, *Le odierne preghiere eucaristiche*, 207.

<sup>75</sup> *Missal Romano* (1973), 418; *Missal Romano* (1992), 478.

<sup>76</sup> “καὶ εὐχαριστησας ἐκλασεν καὶ εἶπεν” (1Cor 11,24); “καὶ λαβὼν ἄρτον εὐχαριστήσας ἐκλασεν καὶ ἔδωκεν αὐτοῖς λέγων” (Lc 22,19). O texto grego é tomado da obra: *Nuovo Testamento: Greco, Latino, Italiano*, a cura di Piergiorgio Beretta, 2ª ed. (Cinisello Balsamo: San Paolo, 1999).

<sup>77</sup> Cf. *Missale Romanum* (2008), 575. Também na obra *De Sacramentis* IV, 5, 21–22, de Santo Ambrósio, aparece a expressão “*grátias agens benedíxit*”. Cf. Ambroise de Milan, *Des Sacrements, Des Mystères, Explication du Symbole*, introduction, texte, traduction, notes et index par Dom Bernard Botte, Sources Chrétiennes 25bis (Paris: Les Éditions du Cerf, 2007), 114; Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 421, 433.

Quanto às palavras de Cristo, Paulo VI determinou: “por motivos de ordem pastoral e para facilitar a concelebração, estabelecemos que as palavras do Senhor sejam as mesmas em todos os formulários do Cânon. Assim, queremos que em cada Oração Eucarística se pronunciem as seguintes palavras; sobre o pão: *Accipite et manducate ex hoc omnes: Hoc est enim Corpus meum, quod pro vobis tradetur*; sobre o cálice: *Accipite et bibite ex eo omnes: Hic est enim calix Sanguinis mei novi et aeterni testamenti, qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum. – Hoc facite in meam commemorationem*”<sup>78</sup>. Como se pode perceber, o texto litúrgico não se limita a reproduzir as fórmulas presentes na Sagrada Escritura (cf. 1Cor 11,24s; Lc 22,19ss; Mc 14,22ss; Mt 26,29ss), mas adota composições próprias, conforme atestado por Bugnini<sup>79</sup> e Mazza<sup>80</sup>.

As palavras de Cristo *Accipite et manducate* encontram-se em 1Cor 11,24, segundo a Vulgata, e, de modo semelhante, em Mt 26,26: *Accipite, et comedite*. Ambas constituem uma referência explícita à comunhão eucarística. A expressão *ex hoc omnes*, embora ausente nos textos bíblicos, foi transmitida por Santo Ambrósio em sua obra *De Sacramentis*<sup>81</sup>.

Na reforma litúrgica pós-Vaticano II, acrescentou-se a expressão *quod pro vobis tradetur* (1Cor 11,24, segundo a Vulgata), que, no parecer de Miralles, constitui uma clara referência à doação sacrificial de Cristo em sua paixão e morte na cruz<sup>82</sup>.

Na consagração do vinho, as palavras *novi et aeterni testamenti* derivam das expressões de Cristo transmitidas nos quatro relatos da instituição da Eucaristia (cf. Mt 26,28; Mc 14,24; Lc 22,20; 1Cor 11,25). O adjetivo *aeterni* é tomado da Carta aos Hebreus<sup>83</sup>. A oração *qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum* ressalta o caráter sacrificial e redentor do sangue de Cristo<sup>84</sup>. Quanto às expressões *pro vobis e pro multis*, trata-se da união de *pro vobis*, presente em Lc 22,20 e 1Cor 11,24, com *pro multis*, registrada em Mt 26,28 e Mc 14,24.

A fórmula *qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum* foi vertida para o português como “que será derramado por vós e por todos, para a remissão dos pecados”, em desacordo com as instruções da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos,

<sup>78</sup> Paulo VI, *Constituição Apostólica Missale Romanum*, em *Missal Romano* (2023), 16.

<sup>79</sup> Cf. Bugnini, *A Reforma Litúrgica* (1948–1975), 390-391.

<sup>80</sup> Cf. Mazza, *Le odierne preghiere eucaristiche*, 207.

<sup>81</sup> Cf. Ambroise de Milan, *Des Sacrements* IV, 5, 21, 114; Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 421.

<sup>82</sup> Cf. Miralles, *Teologia litúrgica dei sacramenti: I. Eucaristia*, 249.

<sup>83</sup> “*Deus autem pacis, qui eduxit de mortuis pastorem magnum ovium in sanguine testamenti aeterni, Dominum nostrum Iesum*” (Hb 13,20).

<sup>84</sup> “*per proprium sanguinem introivit semel in Sancta, aeterna redemptione inventa*” (Hb 9,12).

datadas de 17 de outubro de 2006, que orientam a tradução da expressão *pro multis* como “por muitos”, em vista de uma maior conformidade com os textos bíblicos e com as anáforas dos diversos ritos orientais, os quais apresentam expressões equivalentes em suas respectivas tradições linguísticas e litúrgicas<sup>85</sup>.

Posteriormente, também o Papa Bento XVI, em carta dirigida ao presidente da Conferência Episcopal Alemã<sup>86</sup>, reiterou a necessidade de se adotar a tradução literal “por muitos”, em lugar de “por todos”, advertindo que esta última constitui uma versão de caráter interpretativo, e não uma tradução estrita do texto latino do Missal.

Evidentemente, como declarou a própria Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, com referência à *Declaratio de sensu tribuendo adprobationi versionum formularum sacramentalium*, de 25 de janeiro de 1974, da Congregação para a Doutrina da Fé<sup>87</sup>, a utilização da fórmula “por todos”, quando devidamente aprovada, não compromete a validade do sacramento.

A narração da consagração conclui-se com o mandato de Cristo: “*Hoc facite in meam commemorationem*”, que em português se traduz: “Fazei isto em memória de mim”. A palavra *commemorationem* traduz o termo grego ἀνάμνησιν (cf. Lc 22,19; 1Cor 11,24)<sup>88</sup>, o qual não indica uma simples recordação, mas implica a atualização sacramental do que Cristo realizou: trata-se de “fazer” – e não apenas lembrar – aquilo que ele acabou de fazer<sup>89</sup>.

Ao término da narração da consagração, encontra-se a aclamação “*Mysterium fidei*”, pronunciada pelo sacerdote. Esta expressão, de origem e significado incertos, encontrava-se anteriormente inserida na fórmula da consagração do vinho, logo após as palavras *aeterni testamenti*<sup>90</sup>. Considerando a solicitação de diversos bispos e pastores para que o sintagma *mysterium fidei* fosse suprimido das palavras da consagração – por não fazer parte dos relatos bíblicos da instituição –, optou-se por mantê-lo como uma aclamação proclamada após a consagração<sup>91</sup>.

<sup>85</sup> Cf. Congregatio de Cultu Divino et Disciplina Sacramentorum, “Litterae circulares,” *Notitiae* 481-482 (2006): 441-443.

<sup>86</sup> Bento XVI, *Carta ao Presidente da Conferência Episcopal Alemã sobre a tradução das palavras “pro multis”*, 14 de abril de 2012. Acesso em 10 de outubro de 2025. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_let\\_20120414\\_zollitsch.htm](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2012/documents/hf_ben-xvi_let_20120414_zollitsch.htm).

<sup>87</sup> Cf. Sacra Congregatio pro Doctrina Fidei. “*Declaratio de sensu tribuendo adprobationi versionum formularum sacramentalium.*” *Acta Apostolicae Sedis* 66 (1974): 661.

<sup>88</sup> Cf. Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 62-63.

<sup>89</sup> Cf. Miralles, *Teologia litúrgica dei sacramenti: I. Eucaristia*, 254.

<sup>90</sup> Cf. Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 434; Raffa, *Liturgia eucaristica*, 696-697.

<sup>91</sup> Cf. Bugnini, *A Reforma Litúrgica* (1948–1975), 391.

A assembleia une-se à aclamação do sacerdote por meio de uma das seguintes respostas: “*Mortem tuam annuntiámus, Domine, et tuam resurrectionem confitémur, donec venias*. Esta primeira fórmula provém da anáfora oriental de São Tiago<sup>92</sup>, com a inserção de *donec venias*, tomada de 1Cor 11,26. Em português, a assembleia aclama: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!”. Como se pode notar, a expressão *donec venias* foi substituída por “Vinde, Senhor Jesus!”, extraída do livro do Apocalipse (cf. Ap 22,20). Essa expressão do Apocalipse relaciona-se com o termo aramaico transliterado *Maran-atha* (μαρὰν ἄθα), que significa “Vem, Senhor!”, e encontra-se 1Cor 16,22. A frase (*Mortem tuam...*) é uma espécie de compêndio da fé cristã: anunciar a morte de Cristo significa comemorar (fazer memória) e render presente o sacrifício do Redentor; proclamar a ressurreição do Senhor é celebrar a vitória da vida sobre a morte (cf. 1Cor 15,26); e esperar a vinda do Senhor é manter viva a esperança escatológica e preparar-se para o Reino definitivo.

Na segunda fórmula, extraída de 1Cor 11,26, o verbo foi modificado: da segunda pessoa do plural no futuro para a primeira pessoa do plural no presente: “*Quotiescumque manducamus panem hunc et calicem bibimus, mortem tuam annuntiamus, donec venias*”<sup>93</sup>. A tradução desta segunda fórmula para o português usa um tom mais explicativo e formal: “Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos da sua nova vinda!”.

A terceira fórmula – “*Salvator mundi, salva nos, qui per crucem et resurrectionem tuam liberasti nos*” –, traduzida para o português como: “Salvador do mundo, salvai-nos, vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição”, não é uma citação bíblica literal, mas pode ser relacionada a diversos textos da Escritura<sup>94</sup>. A frase é uma confissão de fé sintetizada no Mistério Pascal: reconhece Jesus como Salvador universal; implora a

<sup>92</sup> “*Mortem tuam, Domine, annuntiamus et resurrectionem tuam confitemur*” (Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 249).

<sup>93</sup> “*Quotiescumque enim manducabitis panem hunc et calicem bibetis, mortem Domini annuntiat, donec veniat*” (1Cor 11,26).

<sup>94</sup> “Sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo” (Jo 4,42); “E nós contemplamos e testemunhamos que o Pai enviou seu Filho como Salvador do mundo” (1Jo 4,14); “Senhor, salva-nos” (Mt 8,25); “A linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus” (1Cor 1,18); “apagou, em detrimento das ordens legais, o título de dívida que existia contra nós; e o suprimiu, pregando-o na cruz, na qual despojou os Principados e as Autoridades, expondo-os em espetáculo em face do mundo, levando-os em cortejo triunfal” (Cl 2,14-15); “[Jesus], o qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para nossa justificação” (Rm 4,25); “Pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova. Porque se nos tornamos uma coisa só com ele por morte semelhante à sua, seremos uma coisa só com ele por ressurreição semelhante à sua” (Rm 6,4-5).

salvação no presente litúrgico; proclama que a cruz e a ressurreição são o núcleo da redenção; asseve que o ser humano foi libertado – e continua a ser – por esse mistério.

### *Anamnese pascal e oferta do sacrifício*

O texto da anamnese pascal e da oferta do sacrifício da Oração Eucarística II mantém o núcleo essencial do texto presente na *Traditio Apostolica*. O início coincide totalmente com a *Traditio Apostolica*: “*Mémores igitur mortis et resurrectionis eius*”. A palavra *mémores* traduz o termo grego ἀνάμνησις (*anamnesis*) que significa “memória”, “recordação”, “rememoração”. Ela se refere à “memória ativa”: não é simples recordação mental ou emocional do passado, mas é uma atualização sacramental – isto é, “tornar presente”, aqui e agora, o mistério salvífico de Cristo. A frase “morte e ressurreição” destaca os dois eventos centrais da salvação cristã: a morte redentora de Cristo, realizada por meio do sacrifício, e a sua ressurreição, manifestação da vitória definitiva sobre a morte.

Quanto ao objeto da oferta, na *Traditio Apostolica* encontra-se a seguinte expressão: “*offerimus tibi panem et calicem*”. Já na Oração Eucarística II a frase aparece mais elaborada, com alguns acréscimos explicativos: “*tibi, Dómine, panem vitae et cálicem salútis offerimus*”. A expressão *panem vitae* remete a discurso de Jesus na sinagoga de Cafarnaum<sup>95</sup>, enquanto *cálicem salútis* refere-se ao Salmo 116 (114-115)<sup>96</sup>. A ação de graças é expressa, em ambos textos, de maneira semelhante: “*grátias tibi ágéntes*” e “*grátias ágéntes*”. Na Oração Eucarística II, o *tibi* é omitido, mas permanece implícito. Segundo Miralles, a construção das frases destaca a estreita união entre a anamnese, a oferta e a ação de graças: *Memores... offerimus, grátias ágéntes*, privilegiando nessa seção da oração a oferta e evidenciando aquilo que caracteriza a oração eucarística –, isto é, ser uma oração de ação de graças<sup>97</sup>.

O fundamento da ação de graças é enunciado pela frase: “*quia nos dignos habuísti astáre coram te et tibi ministráre*”, cuja tradução em português é: “porque nos tornastes dignos de estar aqui na vossa presença e vos servir”. Pode-se legitimamente interpretar que o pronome *nos*, presente nessa fórmula, não se refira exclusivamente ao sacerdote – que, como presidente e representante da assembleia, pronuncia a Oração Eucarística –,

<sup>95</sup> “Eu sou o pão da vida” (Jo 6,35); “Eu sou o pão vivo descido do céu” (Jo 6,51).

<sup>96</sup> “Erguerei o cálice da salvação invocando o nome de lahweh” (Sl 116 [114-115],13).

<sup>97</sup> Cf. Miralles, *Teologia litúrgica dei sacramenti: I. Eucaristia*, 265.

mas inclui também toda a assembleia litúrgica, entendida como sujeito da celebração. A expressão *dignos habuísti*, por sua vez, pode ser entendida como uma alusão a eleição divina: é o próprio Deus quem escolhe e torna dignos os membros da assembleia, capacitando-os a participar da ação litúrgica<sup>98</sup>.

Bento XVI, na homilia da Missa Crismal no ano de 2008, fez uma mistagogia da frase “*quia nos dignos habuísti astáre coram te et tibi ministráre*”. Primeiramente comentou a frase *astáre coram te*: “Se esta palavra agora se encontra no Cântone da Missa imediatamente depois da consagração dos dons, depois da entrada do Senhor na assembleia em oração, então isto indica para nós o estar diante do Senhor presente, isto é, indica a Eucaristia como centro da vida sacerdotal. Mas também aqui o alcance vai além [...] Estar diante do Senhor deve ser sempre, no mais profundo, também um ocupar-se dos homens junto do Senhor que, por sua vez, se ocupa de todos nós junto do Pai”. Com relação a expressão *tibi ministráre*, asseriu: “A tudo isto acrescenta-se depois o servir. No texto veterotestamentário esta palavra tem um significado essencialmente ritual [...] Com a assunção da palavra ‘servir’ no Cântone, este significado litúrgico da palavra é de certa forma adoptada de acordo com a novidade do culto cristão. [...] O culto que Cristo prestou ao Pai foi doar-se até ao fim pelos homens. O sacerdote deve inserir-se neste culto, neste serviço. Assim, a palavra ‘servir’ assume muitas dimensões. Certamente dela faz parte antes de tudo a reta celebração da Liturgia [...] também aprender a conhecer o Senhor na sua Palavra e fazê-Lo conhecer a todos os que Ele nos confia. [...] Servir significa proximidade, mas significa sobretudo também obediência. O servo está sob a palavra: ‘Não seja feita a minha mas a tua vontade’ (Lc 22, 42). [...] ‘Estar diante d’Ele e servi-Lo’: Jesus Cristo como verdadeiro Sumo Sacerdote do mundo conferiu a estas palavras uma profundidade antes inimaginável. Ele, que como Filho era e é o Senhor, quis tornar-se aquele servo de Deus que a visão do Livro do profeta Isaías tinha previsto. Quis ser o servo de todos. [...] ‘Estar diante d’Ele e servi-Lo’ isto significa agora entrar na sua chamada de servo de Deus. A Eucaristia como presença da descida e da elevação de Cristo remete assim sempre, além de si mesma, para os numerosos modos do serviço do amor ao próximo”<sup>99</sup>. Bento XVI percebe, na frase *astáre coram te et tibi ministráre*, uma síntese da vocação e missão do sacerdote: estar na presença de Deus e servi-lo por meio da eucaristia. O modelo por excelência dessa atitude é Cristo, Sumo

<sup>98</sup> Cf. Mazza, *Le odierne preghiere eucaristiche*, 209-212; Raffa, *Liturgia eucaristica*, 731.

<sup>99</sup> Bento XVI, *Homilia na Santa Missa Crismal*, 20 de março de 2008, acessado em 22 de outubro de 2025, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080320\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080320_messa-crismale.html)

Sacerdote e Servo Sofredor. Por isso, a eucaristia torna-se modelo e fonte de um serviço que vai além do rito litúrgico, estendendo-se ao amor pelo próximo.

Segundo Miralles, a mistagogia de Bento XVI acerca do sacerdócio ministerial pode ser estendida a todos os fiéis, uma vez que, pelo batismo, todos participam do sacerdócio de Cristo<sup>100</sup>.

### *Epiclese de comunhão*

Na Oração Eucarística II, a epiclese de comunhão é breve e concisa: “*Et súplices deprecámur ut Córporis et Sánguinis Christi partícipes a Spírítu Sancto congregémur in unum*”. Nela, o sacerdote, em nome de toda a assembleia, suplica a ação do Espírito Santo para que os fiéis, ao comungarem o Corpo e Sangue de Cristo, sejam reunidos em unidade. Essa dimensão de comunhão e unidade entre os fiéis, fruto da comunhão eucarística, encontra eco em 1Cor 10,16-17: “O cálice de bênção que abençoamos, não é comunhão com o Sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão”.

### *Intercessão pela Igreja*

O sacerdote suplica para que Deus se recorde da sua Igreja, não porque ele se esqueça, mas porque *recordare* – “Lembrai-vos”, em português – significa que ele traga a Igreja à sua atenção ativa e misericordiosa. Além disso, nessa seção da Oração Eucarística, afirma-se que a Igreja de Deus está presente por todo o orbe, ou seja, em todos os povos e culturas; contudo, permanece sempre um único Corpo em Cristo. O pedido central – *ut eam in caritáte perficias*, que Deus aperfeiçoe a Igreja na caridade –, inspira-se na *Didaquê* 10,5: “*Memento, Domine, Ecclesiae tuae, ut eam defendas ab omni malo eamque perficias in caritate tuae*”<sup>101</sup>. A frase “*una cum Papa nostro N. et Episcopo nostro N.*” expressa que a Igreja é “una”

<sup>100</sup> Cf. Miralles, *Teologia litúrgica dei sacramenti: I. Eucaristia*, 265.

<sup>101</sup> Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 67. “Lembra-Te, Senhor, da tua Igreja, livra-a de todo o mal e torna-a perfeita no teu amor” *Didaquê* 10,5, em Cordeiro, *Antologia litúrgica*, 97. São Paulo, na Carta aos Colossenses, afirma que a caridade é o vínculo da perfeição (cf. Col 3,14).

em torno do papa<sup>102</sup> e do bispo<sup>103</sup> da comunidade litúrgica. Vale recordar que a celebração eucarística é ação de Cristo e de todo o povo de Deus, hierarquicamente ordenado, isto é, *ordo sacer - plebs fidelis*<sup>104</sup>.

Quanto à expressão *univérso clero*, optou-se, em português, por uma tradução explicativa<sup>105</sup>: “os bispos do mundo inteiro, os presbíteros, os diáconos”. Além disso, acrescentou-se a frase “e todos os ministros do vosso povo”. No que se refere a esse inciso em português, cabe indagar o que vem à mente da assembleia celebrante ao ouvir o sacerdote dizer “todos os ministros do vosso povo”. É bem provável que tal frase requeira uma oportuna explicação – não durante a celebração eucarística, evidentemente –, indicando aos fiéis que, na Igreja, existem ministérios leigos instituídos por meio de rito litúrgico e de caráter estável – como leitor, acólito<sup>106</sup> e catequista<sup>107</sup> –, bem como outros serviços pastorais e litúrgicos reconhecidos pela Igreja, ainda que sem rito litúrgico de instituição. Entre esses podem-se citar: leitores (não instituídos), ministros extraordinários da comunhão eucarística<sup>108</sup>, moderadores leigos da celebração da Palavra<sup>109</sup>, comentaristas<sup>110</sup>, salmistas<sup>111</sup>, servidores do altar<sup>112</sup>, agentes de pastoral, coordenadores de comunidades e capelas em locais de missão etc.

<sup>102</sup> Cf. Congregatio pro Doctrina Fidei. “Litterae ad Catholicae Ecclesiae episcopos de aliquibus aspectibus Ecclesiae prout est communio” n.os 13–14, 28 de maio de 1992. *Acta Apostolicae Sedis* 85 (1993): 846-847.

<sup>103</sup> “Em toda a comunidade de altar unida para o sacrifício, sob o ministério sagrado do Bispo, manifesta-se o símbolo daquela caridade e unidade do Corpo Místico, sem a qual não pode haver salvação”. [...] Toda a celebração legítima da Eucaristia é dirigida pelo Bispo, a quem foi confiado o encargo de oferecer e administrar o culto da religião cristã à Divina Majestade, segundo os preceitos do Senhor e as leis da Igreja” (Concílio Vaticano II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*, n.26, em *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*, 71). Cf. Pedro Fanés, “Significado de la proclamación del nombre del obispo en la plegaria eucarística”, *Oración de las Horas* 5 (1990): 153-158.

<sup>104</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n.os 16, 91, 294, em *Missal Romano* (2023), 23, 34, 51; *Catecismo da Igreja Católica*, §§ 874-933.

<sup>105</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, §§ 1554-1571.

<sup>106</sup> Cf. Paulo VI, *Carta apostólica sob a forma de “Motu proprio”*, com a qual é reformada a disciplina da primeira tonsura, das ordens menores e do subdiaconato na Igreja latina, em *Pontifical Romano renovado por Decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do papa Paulo VI e, em parte, renovado pelo papa João Paulo II*: tradução portuguesa para o Brasil das edições típicas (São Paulo: Paulus, 2000), 243–247; Francisco, “Carta apostólica sobre a forma de “Motu proprio” *Spiritus Domini* sobre a modificação do Cân. 230 § 1 do Código de Direito Canônico acerca do acesso da pessoas do sexo feminino ao ministério instituído do leitorado e acolitado”, 10 de janeiro de 2021, *Notitiae* 598 (2021): 12.

<sup>107</sup> Cf. Francisco, “Carta apostólica sob a forma de “Motu proprio” *Antiquum ministerium* pela qual se institui o ministério de catequista”, 10 de maio de 2021, *Notitiae* 598 (2021): 34-38.

<sup>108</sup> Cf. Sagrada Congregação para a Disciplina dos Sacramentos, *Instrução “Immensae caritatis” para facilitar a comunhão sacramental*, em *Pontifical Romano*, 559-566.

<sup>109</sup> Cf. Congregatio pro Cultu Divino, “Directorium de celebrationibus dominicalibus absente presbytero”, n.os 30-31, die 2 iunii 1988, *Notitiae* 263 (1988): 373.

<sup>110</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 105b, em *Missal Romano* (2023), 35.

<sup>111</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 61, em *Missal Romano* (2023), 29.

<sup>112</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 100, em *Missal Romano* (2023), 35.

## *Intercessão pelos fiéis defuntos*

A intercessão pelos defuntos não se limita somente aos cristãos, mas contempla também os não batizados: “*Meménto étiam fratrum nóstrum, qui in spe resurrectionis dormiérunt, omniúmque in tua miseratióne defunctorum*”. Os cristãos são chamados “nossos irmãos”, conforme o uso litúrgico, mas também bíblico do Novo Testamento<sup>113</sup>. A tradução em português acrescentou “e irmãs”, refletindo um certo uso pastoral recente de linguagem inclusiva. A expressão *qui in spe resurrectionis dormiérunt* traduzida fielmente como “que adormeceram na esperança da ressurreição”, inspira-se em São Paulo, para quem “dormir” é um eufemismo “para morrer em Cristo”<sup>114</sup>. A intercessão se estende aos não batizados<sup>115</sup>: *omniúmque in tua miseratióne defunctorum*, que em português foi traduzido como “e todos os que partiram desta vida”. A frase “partiram desta vida” tem um caráter mais de tipo pastoral; na tradução, é preciso lamentar omissão da referência explícita à misericórdia de Deus (*in tua miseratióne*), embora essa referência tenha sido deslocada para o início da frase: “Lembraí-vos... na vossa misericórdia dos nossos irmãos...”. A formulação final *et eos in lumen vultus tui admítte*, que literalmente pede a Deus, em favor dos cristãos e não cristãos, “e admite-os na luz do teu rosto (face)”, foi traduzida como “acolhei-os junto a vós na luz da vossa face”. A tradução em português torna a imagem mais calorosa e pastoral, enfatizando o afeto e proximidade de Deus – “acolhei-os junto a vós” –, enquanto *admittere* pertence a uma linguagem mais formal e jurídica, significando “receber oficialmente”, “deixar entrar”. Ao mesmo tempo, mantém-se a essência: a comunhão com Deus. Por último, o sintagma *in lumen vultus tui* pode ser encontrado nos Salmos e, embora não se refira diretamente à visão beatífica, juntamente com outras expressões presentes no Novo Testamento, pode servir para exprimir a ideia de “presença amorosa de Deus”, “visão da glória divina”, “comunhão plena”<sup>116</sup>.

<sup>113</sup> Cf. Armand Négrier e Xavier Léon-Dufour, “Irmão”, em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 457-458.

<sup>114</sup> “*Nolumus autem vos ignorare, fratres, de dormiéntibus, ut non contristémmini sicut et ceteri qui spem non habent. 14 Si enim crédimus quod Iesus mortuus est et resurrexít, ita et Deus eos qui dormiérunt per Iesum adducet cum eo*” (1Ts 4,13-14).

<sup>115</sup> O Concílio Vaticano II afirmou, na Constituição sobre a Igreja: “Aqueles... que sem culpa ignoram o Evangelho de Cristo e sua Igreja, mas buscam a Deus com coração sincero e tentam, sob o influxo da graça, cumprir por obras a sua vontade, conhecida através do ditame da consciência, podem conseguir a salvação eterna” (Concílio Vaticano II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*, n. 16, em *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*, 57).

<sup>116</sup> “Iahweh, levanta obre nós a luz da tua face” (Sl 4,7); “Faze brilhar tua face sobre o teu servo, salva-me por teu amor” (Sl 31[30],17); “Faze tua face bilhar, e seremos salvos!” (Sl 80 [79],4); “Feliz o povo que sabe aclamar: ele caminha à luz de tua face, Iahweh” (Sl 89[88],16); “O trono de Deus e do Cordeiro, e seus servos lhe prestarão culto; verão sua face, e seu nome estará sobre suas fronteiras. Já não haverá noite: ninguém mais precisará da luz da lâmpada, nem da luz do sol, porque o Senhor

### *Intercessão pelos participantes*

O texto latino inicia com uma súplica breve e direta: “*Omnium nostrum, quaesumus, miserere*” – “Tende misericórdia de nós, nós te suplicamos”. A tradução em português acrescenta a palavra “Enfim”, o que estabelece uma conexão entre essa oração e às súplicas anteriormente feitas pelos fiéis defuntos: “Enfim, nós vos pedimos, tende piedade de todos nós”. Na sequência, formula-se o pedido de participação na vida eterna com os santos. O texto original em latim expressa-se assim: “*aeternae vitae mereámur esse consórtes*” (“para que mereçamos ser participantes da vida eterna). A tradução portuguesa, contudo, substitui o verbo *mereámur* (mereçamos) por uma formulação de caráter mais pastoral: “dai-nos participar da vida eterna”. Os santos mencionados a seguir são: a beata Virgem Maria, Mãe de Deus<sup>117</sup>; São José, seu esposo; os bem-aventurados Apóstolos; e todos os santos. A referência aos santos, entendida em sentido geral, é ampliada por uma proposição que, no texto original, se lê “*qui tibi a saéculo placuérunt*” (“que a ti agradaram desde os séculos”). Na versão em português, essa expressão foi traduzida por “que neste mundo viveram na vossa amizade”, opção que evidencia a intenção de adaptar o texto a uma linguagem pastoral mais acessível. Refere-se aos santos que, ao longo da história, viveram na fidelidade a Deus e já compartilham da sua eternidade. A frase “*qui tibi a saéculo placuérunt*” tem sua origem na anáfora grega de São Basílio de Cesareia, apresentando apenas uma ligeira alteração na ordem das palavras, que originalmente se lê: “*qui a saéculo tibi placuérunt*”<sup>118</sup>.

---

Deus brilhará sobre eles, e eles reinarão pelos séculos dos séculos” (Ap 22,3-5); “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido” (1Cor 13,12).

<sup>117</sup> Cf. Concílio de Éfeso, “Segunda carta de Cirilo de Alexandria a Nestório”, em *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, de Heinrich Denzinger, trad. José Marinho e Johan Konings (São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2007), 97.

<sup>118</sup> Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 239. Em grego: “*πάντων τῶν ἀπ’ αἰῶνος σοι εὐαρεστησάντων*” (Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 238). Em português: “todos os santos que te foram agradáveis nos séculos, os Antepassados, os Pais, os Patriarcas, os Profetas, os Apóstolos, os Arautos, os Evangelistas, os Mártires, os Confessores, os Doutores e todo o espírito justo consumado na fé, de modo particular a Santíssima, Imaculada, Bendita por excelência, nossa gloriosa Senhora, a Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, São João, o profeta, precursor e baptista, os santos Apóstolos, dignos de todo o louvor, santo N. cuja memória celebramos, e todos os teus santos, por cujas orações [te pedimos], ó Deus, te dignes proteger-nos” (Anáfora grega de São Basílio de Cesareia, em Cordeiro, *Antologia litúrgica*, 1127). Na anáfora grega de Tiago, irmão do Senhor, lê-se: “qui tibi a saéculo bene placuérunt” (Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 257). Na versão siríaca da mesma anáfora, a frase aparece duas vezes como: “qui a saéculo placuérunt tibi” (Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 274). Já na anáfora de São Timóteo de Alexandria encontra-se: “qui a saéculo tibi placuérunt” (Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 280). A expressão se repete na anáfora de São Basílio de Cesareia, segundo o rito alexandrino: “*qui a saéculo tibi placuérunt*” (Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 353, 357), assim como na anáfora alexandrina de Gregório Nazianzeno: “*qui a saéculo tibi placuérunt*”

A intercessão pelos participantes conclui-se com a frase “*et te laudemus et glorificemus per Filium tuum Iesum Christum*”, traduzida em português como “a fim de vos louvamos e glorificarmos por Jesus Cristo, vosso Filho”. A tradução introduz a expressão “a fim de”, conferindo ao texto um sentido de finalidade e intencionalidade da ação litúrgica: o louvor e a glorificação de Deus. Tanto o original em latim quanto a versão em português expressam que todo louvor e toda glorificação dirigidos a Deus se realizam por meio de Jesus Cristo, seu Filho, sublinhando, assim, o princípio da mediação cristológica (cf. 1Tm 2,5). Por fim, vale ressaltar que a frase em questão parece inspirar-se na *Traditio Apostólica*, onde se lê: “*ut te laudemus et glorificemos per puerum tuum Iesum Christum*”.

### ***Doxologia conclusiva e aclamação final do povo: “Amém”***

A doxologia, isto é, a glorificação de Deus que conclui a Oração Eucarística, constitui um elemento autônomo que interrompe o fluxo do discurso das linhas precedentes. Trata-se de um traço característico da oração cristã, frequentemente presentes na conclusão das homilias e dos discursos sobre a fé ou de caráter parentético<sup>119</sup>. Diversos exemplos de doxologia podem ser encontrado no Novo Testamento<sup>120</sup>.

Ao término da Oração Eucarística, toda a assembleia eleva sua aclamação, cantando ou recitando o “Amém”. São Justino, em sua *Apologia*<sup>121</sup>, testemunha que o povo proferia essa aclamação ao final da

---

(Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 373). Na anáfora de Nestório, a fórmula aparece invertida: “qui a saeculo placuerunt tibi” (Hänggi e Pahl, *Prex Eucharistica*, 396).

<sup>119</sup> Cf. Raffa, *Liturgia eucaristica*, 469-474; Miralles, *Teologia liturgica dei sacramenti: I. Eucaristia*, 280-281.

<sup>120</sup> “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos. Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe fez o dom para receber em troca? Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos! Amém” (Rm 11,33-36); “Àquele que tem o poder de confirmar segundo o meu evangelho e a mensagem de Jesus Cristo – revelação de mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado e, pelos escritos proféticos e por disposição do Deus eterno, dando a conhecer a todas as nações, para levá-las à obediência da fé – a Deus, o único sábio, por meio de Jesus Cristo, seja dada a glória, pelos séculos dos séculos! Amém” (Rm 16,25-27); “A ele seja a glória na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações dos séculos dos séculos! Amém” (Ef 3,21); “em tudo seja Deus glorificado por Jesus Cristo, a quem pertencem a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém” (1Pd 4,11); “Àquele que pode guardar-vos da queda e apresentar-vos perante sua glória irrepreensíveis e jubilosos, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo nosso Senhor, glória, majestade, poder e domínio, antes de todos os séculos, agora e por todos os séculos! Amém” (Jd 24-25).

<sup>121</sup> “Quando o presidente termina as orações e a ação de graças, todo o povo presente aclama dizendo: *Amém*, na língua hebraica quer dizer assim seja” (São Justino, *Apologia I*, 65, em Cordeiro, *Antologia litúrgica*, 140).

Oração Eucarística. O termo, amplamente atestado nas Sagradas Escrituras<sup>122</sup>, significa “seguramente”, “certamente”, “verdadeiramente”, “assim seja” – expressando a ideia de segurança, solidez, firmeza<sup>123</sup>.

### ***Outras aclamações***

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil elaborou, e a Santa Sé reconheceu<sup>124</sup>, já desde a segunda edição do *Missal Romano*<sup>125</sup>, aclamações para todas as Orações Eucarísticas, como o intuito de favorecer a participação dos fiéis, que, por meio delas, se unem ao sacerdote durante a oração.

Na Oração Eucarística II, estas previstas as seguintes aclamações: “Enviai o vosso Espírito Santo!”, que se pronuncia após a epiclese de consagração; “Aceitai, ó Senhor, a nossa oferta!”, proferida após a anamnese pascal e a oferta do sacrifício; “O Espírito nos una num só corpo!”, pronunciada após a epiclese de comunhão; “Lembraí-vos, ó Pai, da vossa Igreja!”, que se diz após a intercessão pela Igreja; e “Concedei-lhes, ó Senhor, a luz eterna!”, que se recita após a intercessão pelos fiéis defuntos.

### **Conclusão**

O estudo da Oração Eucarística II evidencia um equilíbrio harmonioso entre a fidelidade à tradição e a necessária adaptação pastoral promovida pela reforma litúrgica do Concílio Vaticano II. Constitui-se em uma tentativa de fazer do texto uma oração viva e perfeitamente adequada para exprimir a fé cristã em sua autenticidade. Enraizada na anáfora da *Traditio Apostólica*, atribuída a Hipólito de Roma – que exerceu considerável influxo sobre outras orações eucarísticas antigas<sup>126</sup> –, a Oração Eucarística II estabelece uma conexão entre a oração dos membros da Igreja contemporânea e a dos membros da Igreja primitiva, integrando passado e presente de maneira coesa.

A tradução e adaptação para a língua portuguesa refletem o cuidado diligente em preservar a integridade teológica e a precisão doutrinal do texto original em latim, ao passo que buscam assegurar clareza expressiva e

<sup>122</sup> Cf. Charles Thomas, “Amém”, em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 42-43.

<sup>123</sup> Cf. Raffa, *Liturgia eucarística*, 474-475; Miralles, *Teologia litúrgica dei sacramenti: I. Eucaristia*, 281.

<sup>124</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 147, em *Missal Romano* (2023), 39.

<sup>125</sup> Cf. *Missal Romano* (1992), 9; *Missal Romano* (2023), 7.

<sup>126</sup> Cf. Raffa, *Liturgia eucarística*, 612-613; Mazza, *Le odierne preghiere eucaristiche*, 181-182.

ressonância espiritual junto aos fiéis. Nesse sentido, as adaptações linguísticas realizadas têm como objetivo favorecer uma participação consciente, ativa e frutuosa, promovendo uma assimilação e interiorização mais profundas dos mistérios celebrados.

É preciso reconhecer, contudo, que a tradução e adaptação de certas expressões do texto latino para o português não tornam imediatamente perceptíveis as suas múltiplas nuances bíblico-patristicas; por isso, é indispensável uma adequada catequese litúrgica, de caráter mistagógico, dirigida aos fiéis.

Embora breve e concisa, a Oração Eucarística II mantém sua profundidade doutrinal, constituindo um testemunho eloquente da riqueza teológica e uma expressão viva da fé, esperança e amor presentes na experiência litúrgica. Por meio de suas reminiscências bíblicas e patristicas, oferece aos fiéis um instrumento eficaz para o aprofundamento e vivência do mistério pascal, bem como para o fortalecimento da comunhão dos membros de Cristo, tanto com seu Senhor quanto entre si, rendendo glória a Deus.

Em síntese, o presente escrito evidencia a importância de valorizar a fidelidade à tradição da Oração Eucarística II, assim como sua adequação pastoral e linguística, ressaltando, ainda, o papel essencial da catequese litúrgica para permitir que os fiéis participem e vivenciem de maneira plena os sagrados mistérios.

## Referências bibliográficas

- Ambroise de Milan. *Des Sacrements, Des Mystères, Explication du Symbole*. Introduction, texte, traduction, notes et index par Dom Bernard Botte. Sources Chrétiennes 25bis. Paris: Les Éditions du Cerf, 2007.
- Blaise, Albert. *Le vocabulaire latin des principaux thèmes liturgiques*. Ouvrage revu par Dom Antoine Dumas, O.S.B. Turnhout: Brepols, 1966.
- Bento XVI. “Carta ao Presidente da Conferência Episcopal Alemã sobre a tradução das palavras ‘pro multis’, 14 de abril de 2012.” Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_let\\_20120414\\_zollitsch.htm](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2012/documents/hf_ben-xvi_let_20120414_zollitsch.htm).
- Bento XVI. “Homília na Santa Missa Crismal, 20 de março de 2008.” Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080320\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080320_messa-crismale.html).

- Botte, Bernard. “La anáfora breve.” Em *Las cuatro plegarias eucarísticas del Misal Romano*, editado por Josep Urdeix. Cuadernos Phase 71. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1996, 21-28.
- Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada*. São Paulo: Paulus, 2002, 6ª impressão, 2010.
- Bíblia Sacra, Vulgatae Editionis Sixti V. et Clementis VIII*, ed. Ronald L. Conte Jr. 2009. Disponível em <https://www.stepbible.org/version.jsp?version=VulgCC>.
- Bugnini, Annibale. *A Reforma Litúrgica (1948–1975)*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas; Paulus; Edições Loyola, 2018.
- Catecismo da Igreja Católica*. 2ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2013.
- Congregatio pro Cultu Divino. “Directorium de celebrationibus dominicalibus absente presbytero”, nn. 30–31, die 2 iunii 1988. *Notitiae* 263 (1988): 366-378.
- Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. “Decreto com o qual se acrescenta o nome de São José nas Orações Eucarísticas II, III e IV do Missal Romano.” *Notitiae* 561–562 (2013): 225–226.
- Cordeiro, José de Leão. *Antologia litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
- Francisco. “Carta apostólica sobre a forma de ‘Motu proprio’ *Spiritus Domini* sobre a modificação do Cân. 230 § 1 do Código de Direito Canônico acerca do acesso da pessoas do sexo feminino ao ministério instituído do leitorado e acolitado.” 10 de janeiro de 2021. *Notitiae* 598 (2021): 12.
- Francisco. “Carta apostólica sob a forma de ‘Motu proprio’ *Antiquum ministerium* pela qual se institui o ministério de catequista.” 10 de maio de 2021. *Notitiae* 598 (2021): 34–38.
- Farnés, Pedro. “Significado de la proclamación del nombre del obispo en la plegaria eucarística.” *Oración de las Horas* 5 (1990): 153–158.
- Galopin, Pierre-Marie, e Pierre Grelot. “Anjos.” Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 10ª ed., dir. Xavier Léon-Dufour, trad. Fr. Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 1972, 59-62.
- Hänggi, Anton, e Irmgard Pahl. *Prex Eucharistica: Textus e variis liturgiis antiquioribus selecti*. Fribourg: Éditions Universitaires, 1968.
- Hipólito de Roma. *Tradição Apostólica*. Tradução da versão latina e notas por Maria da Glória Novak, introdução de Maucyr Gibin. Petrópolis: Vozes, 1981.
- Hippolyte de Rome. *La Tradition apostolique: d’après les anciennes versions*. Introduction, traduction et notes par Bernard Botte, O.S.B., 2e éd. rev. Paris: Les Éditions du Cerf, 1984. Sources Chrétiennes 11bis.

- Jungmann, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia: Origens, Liturgia, História e Teologia da Missa Romana*. São Paulo: Paulus, 2009.
- Mazza, Enrico. *Le odierne preghiere eucaristiche. I: Struttura, fonti, teologia*. 2a ed. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1991.
- Miralles, Antonio. *Teologia liturgica dei sacramenti: I. Eucaristia*. Roma: Edusc, 2022.
- Missale Romanum: Editio typica 1962*. Edizione anastatica, introduzione di Manlio Sodi e Alessandro Toniolo. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007.
- Missale Romanum ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum. Ordo Missae*, Editio typica. Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanis, 1969.
- Missale Romanum ex Decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli Pp. VI promulgatum, Ioannis Pauli Pp. II cura recognitum*. Editio typica tertia. Città del Vaticano: Typis Vaticanis, 2002; reimpressio emendata, 2008.
- Missal Romano: Restaurado por Decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI*. Tradução portuguesa da edição típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1973.
- Missal Romano: restaurado por Decreto do Sagrado Concílio Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI*. Tradução portuguesa da 2a edição típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulus, 1992.
- Missal Romano: reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e Promulgado por Autoridade de S. S. o Papa Paulo VI e Revisto por S. S. o Papa João Paulo II*. Tradução portuguesa da terceira edição típica realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023.
- Mohlberg, Leo Cunibert, Leo Eizenhöfer, e Petrus Siffrin, eds. *Liber Sacramentorum Romanae Ecclesiae ordinis anni circuli (Cod. Vat. Reg. lat. 316/Paris Bibl. Nat. 7193, 41/56)*. 3ª ed. Roma: Herder, 1981.
- Négrier, Armand, e Xavier Léon-Dufour. “Irmão.” Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 10ª ed., dir. Xavier Léon-Dufour, trad. Fr. Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 1972, 455–458.
- Nova Vulgata: Bibliorum Sacrorum Editio Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II, ratione habita iussu Pauli PP. VI, recognita auctoritate Ioannis Pauli PP. II promulgata*. Editio typica altera. Città del Vaticano:

- Libreria Editrice Vaticana, 1998.
- Nuovo Testamento: Greco, Latino, Italiano*, a cura di Piergiorgio Beretta, Bologna: Edizioni Dehoniane, 2015.
- Paulo VI, “Carta apostólica sob a forma de ‘Motu proprio’, com a qual é reformada a disciplina da primeira tonsura, das ordens menores e do subdiaconato na Igreja latina”. Em *Pontifical Romano renovado por Decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do papa Paulo VI e, em parte, renovado pelo papa João Paulo II: tradução portuguesa para o Brasil das edições típicas*. São Paulo: Paulus, 2000, 243–247.
- Raffa, Vincenzo. *Liturgia eucaristica: Mistagogia della Messa, dalla storia e dalla teologia alla pastorale pratica. Nuova ed. ampiamente riveduta e aggiornata secondo l’editio typica tertia del Messale Romano*. Roma: C.L.V. – Edizioni Liturgiche, 2003.
- Rahlfs, Alfred, ed. *Septuaginta: Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes*. Editio altera, recognovit et emendavit Robert Hanhart. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006. Duo volumina in uno.
- Sacra Congregatio pro Doctrina Fidei. “Declaratio de sensu tribuendo adprobationi versionum formularum sacramentalium.” *Acta Apostolicae Sedis* 66 (1974): 661.
- Sagrada Congregação para a Disciplina dos Sacramentos. “Instrução *Immensae caritatis* para facilitar a comunhão sacramental”. Em *Pontifical Romano renovado por Decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do papa Paulo VI e, em parte, renovado pelo papa João Paulo II: tradução portuguesa para o Brasil das edições típicas*. São Paulo: Paulus, 2000, 559–566.
- Sodi, Manlio, Alessandro Toniolo e Placide Bruylants (†), eds. *Liturgia Tridentina: fontes–índices–concordantia, 1568–1962*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2010.
- Triacca, Achille Maria. “La strutturazione eucologica dei Prefazi. Contributo metodologico per una loro retta esegesi (In margine al nuovo ‘Missale Romanum’).” *Ephemerides Liturgicae* 86 (1972): 233–279.
- Ward, Anthony, e Cuthbert Johnson. *The Prefaces of the Roman Missal: A Source Compendium with Concordance and Indices*. Rome: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1989.